

PAUPERISMO E SENSIBILIDADE SOCIAL EM ESPANHA NOS FINS DO SÉCULO XVI

1 — Iremos repetir? — Convirá repetir alguns dados e orientações justificativas e condicionantes da situação dos pobres — e do pauperismo — durante os séculos XVI e XVII, século este último que tantos aspectos abandonou e retomou (continuou? retomou? aperfeiçoou?) do anterior? É bem possível que seja conveniente expor uma vez mais, ainda que sumariamente, o que sobre os pobres e a pobreza desses anos europeus se vem sabendo. O que sobre eles dirão Cristóbal Pérez de Herrera (*Discursos del amparo de los legítimos pobres*, 1598)¹ e Fr. Alonso Cabrera (*Consideraciones sobre todos los Evangelos de la Cuaresma*, 1601)², talvez justifique este prólogo sumário.

¹ Cristóbal Pérez de Herrera, *Discursos del amparo de los legítimos pobres y reduccion de los fingidos y de la fundacion y principios de los albergues destos reynos, y amparo de la milicia dellos*, em Madrid, Luis Sanchez, 1598, obra que tivera em 1595 o seu primeiro esboço: *Discurso a la Católica y Real Magestade del Rey Don Felipe N. S. Suplicandole se sirva de que dos pobres de Dios mendigantes verdaderos de estos reynos se amparen y los fingidos se reformen*, Madrid, Luis Sanchez, Año 1595. (Citaremos a obra de P. de Herrera, por *Discursos...*).

² Alonso Cabrera, *Sermones (de Consideraciones sobre tolos los Evangelios de la Cuaresma*, 1601), N. B. A. E. 3, Madrid, 1930. (Citaremos sempre esta obra por *Sermones...*).

Convirá, contudo, não perder de vista que os pobres do século XVI e de todo o século XVII e talvez do século XVIII — e talvez os de antes e depois — parecem apresentar-se como uma realidade social movediça, de limites e condições mal definidas, uma realidade difícil de concretizar em arquivos e documentos fiscais sobretudo, que não registam quem não paga, em documentos paroquiais que não baptizam quem nasce por caminhos, que não enterram quem morre pelas montanhas, em richas ou tempo de fome, de frio ou peste. Cingir-nos-emos aos «pobres» nas diversas acepções que referem os dois autores citados. Os pobres: mendigos, vagabundos, às vezes até peregrinos,... os empobrecidos e os que vivem em permanente risco de vir a ser (e muitas vezes acabaram por ser) uma coisa e outra, a «gente pobre», expressão que cobre uma realidade ampla e muito difícil de delimitar económica e psicologicamente... A que nível se verifica, para um homem da viragem do século XVI para o século XVII, a distinção entre pobre e não pobre? Nem Cristóbal Pérez de Herrera nem Fr. Alonso Cabrera parecem ter-se preocupado com esse matiz importante... Escrevemos matiz propositalmente..., porque lembrados das advertências de A. Domínguez Ortiz^{2a} e de Jean Mayer (este para outras épocas, é certo, mas metodologicamente válidas para o caso presente) nos parece que querer estabelecer *sem mais* uma distinção entre pobre e não pobre, ou entre diferentes níveis de pobreza, é colocar mal um problema. Em vez dessas fronteiras (económicas), mesmo das mais «exactas» (que não serão certamente as obtidas através dos documentos fiscais...) talvez seja mais prudente procurar zonas de fronteira, variáveis estas com o tempo e espaço, e com a perspectiva social que utiliza a classificação de «pobre», empenho que realizou recentemente para a França do século XVI a XVIII J.-P. Gutton³.

^{2a} A. Domínguez Ortiz, *La Sociedad Española en el Siglo XVII*, Madrid, C. S. I. C., 1963, págs. 227.

³ J. Mayer: *Un problème mal posé: La Noblesse Pauvre, L'exemple breton au XVIII Siècle* — Rev. d'Hist. Moderne et Contemporaine, XVIII (1971), págs. 161-180. Muito recentemente também J. Poulet — «L'enseignement des pauvres dans la France du XVII», in XVII^e Siècle,

Desde há muito — desde 1876 em Espanha, com Fernández Iglesias e a sua *Historia de la Beneficencia*, ou em França com Lallemand e a *Histoire de la Charité* (1910), precedida (simbolicamente?) pela *Révolution des Pauvres* (1893) — que esta realidade vem sendo anotada. No século passado os historiadores de Economia Política, como os autores das velhas crônicas de uma ou outra cidade, ou os arbitristas preocupados com a falta de gente, também ponderaram a sua importância, a sua importância numérica, principalmente. Mas, os pobres eram, sobretudo, os vagabundos, os «maus pobres». Ultimamente a partir das páginas capitais em que F. Braudel..., Pierre Goubert..., P. Deyon..., G. Roupnel..., N. Salomon, Rumeu de Armas (com outro sentido e alcance, é certo, mas também importante) A. Cruz, Deleyto y Piñuela (porque não...?), B. Porchnev, entre outros, acentuaram com força e autoridade a sua presença palpável na História, as referências à sua vida e à sua morte, ao significado delas no contexto das condições de vida e mentalidade desses tempos, têm aumentado. Nem sempre, é certo, oferecendo dados novos. Mas poder-se-ão apresentar dados novos sobre a vida dos pobres — e dos ricos, naturalmente... — dos fins do século XVI e durante o século seguinte? Todos os dados, os já conhecidos, e os que se vão apresentando, parecem confirmar para os pobres uma situação permanente de difícil equilíbrio entre a vida e a morte. Os documentos, os números dos arquivos, os tratadistas que se preocuparam directamente com a situação dos pobres, os que escreveram sobre o valor e a necessidade da esmola, os médicos preo-

n.º 90-91 (1971), págs. 86-110 chamou a atenção para os trabalhos de J. P. Gutton — *L'exécution de la déclaration Royale du 18 Juillet 1724 concernant la mendicité: généralité de Lyonnais et d'Auvergne*, thèse troisième cycle, Faculté des Lettres de Lyon 28 Juin XXI-381 págs. dactylographiées e *La Société et les Pauvres dans la France de l'Ancien Régime*, Paris, Société d'Ed. Les Belles Lettres, 1970, obra capital a que remeteremos algumas vezes — e utilizou os resultados obtidos no sentido de precisar as realidades que na França dos séculos XVI e XVII se escondiam sob o «pobre» e a «pobreza»: vagabundos, sem trabalho, mendigos ocasionais, operários cuja velhice impedia de trabalhar, doentes temporários, «manoevriers» vítimas da carestia da vida, trabalhadores de migração, jornaleiros à procura de trabalho, etc. (pág. 89).

cupados com o tratamento ou profilaxia da peste lavrando numa cidade ou região, o teatro e a novela — e não só a picaresca — parecem coincidir⁴. E os pregadores? Alguns pregadores também.

Todos parecem estar de acordo sobre o carácter preocupante do problema dos pobres e do pauperismo nesses anos, embora haja de reconhecer-se que o problema — e o tema — sempre constituiu, mais ou menos agudamente, uma «preocupação» de dois mil anos de Europa. Basta ler alguns sermões de S. João Crisóstomo ou de Santo Ambrósio, ou qualquer referência à vida e acção de Pierre Le Chantre ou de Pierre de Blois, ou simplesmente abrir um livro de «exempla» (v. g. o *Livro de los Exemplos* por «A B C» de Clemente Sánchez de Vercial, (composto cerca de 1420). Um problema duma Europa que se queria — e sentia — estruturalmente cristã, mas — sem dúvida alguma os nomes citados são disso testemunhas — mais preocupante em períodos de maus anos agrícolas em regiões mais ou menos extensas, em anos de seca que estiolava os grãos e fazia subir o preço do pão e de outras poucas coisas de comer, acentuando a escassez e depois a fome. Um problema preocupante que obrigava a enviar barcos por trigo e a rogativas. Mas um problema alarmante em períodos de peste que geralmente, ritmicamente, quase se seguiam — às vezes também

⁴ Dois exemplos: Dona Maria de Zayas (*El Castigo de la Miseria*) e Lope de Vega (*La Juventud de San Isidro*). Ricardo del Arco, *La sociedad Española en las Obras Dramáticas de Lope de Vega*, Madrid, 1942, (caps. Chapetones y Gente llana; Picardia y Hampa); N. Salomon, *Le Thème Paysan dans la «comedia» au temps de Lope de Vega*, Bordeaux, 1965; M. Bataillon, *Los Pobres en el Siglo de Oro. Novela Picaresca y Ideas Sociales*, in *Picaros y Picaresca*, Madrid, 1969; E. von Kraemer, *Le type du faux mediant dans les Littératures Romanes depuis le Moyen Age jusqu'au XVII siècle*, Helsink, 1944, mostram as perspectivas caleidoscópicas do pobre como tema literário nos anos que nos ocupam, que podem ser completadas com Ezio Raimondi «*Mercurio Nella Controriforma*», Studi in Onore di A. Schiffrini, Rev. di Cultura Clássica e Medievale, VII, 73 (1965), pág. 927-937 onde se estudam as fontes e significado de *IL vagabundo* (1627) de R. Frianoro. A. San Miguel en «*Sentido y Estructura del Guzmán de Alfarache*», Madrid, Credos, 1971 ocupou-se da critica de Mateo Alemán aos pobres fingidos, págs. 134-144.

precediam — esses anos de fome. Perigoso, problema perigoso, em momentos de tumultos populares. Este aspecto que J. L. Vives apontou — «... ni a las leyes ni a los magistrados tienen respeto alguno, todo piensan que les es lícito con el pretexto de su pobreza, y no quisieran vengar sus iras con las palabras y con los puños, sino con el hierro y la muerte; prueba son de esto los muchos homicidios que han cometido a escondidas y alguna vez se levanta algum tumulto, ninguns hacen más muertes que ellos, o manifestando a unos traído-ramente e instigando a otros, o con sus propias manos; de suerte que no sin gravísimo consejo parece que retiraron los romanos a los necesitados todo el cuydado y administración de la república, porque los consideraban enemigos de los ciudadanos...»⁵ — Porchnev e R. Mousnier, este com motivações diferentes, para um período posterior confirmaram-no⁶. Perigoso em período de guerras — e tão frequentes foram por esses anos — e mais perigoso ainda em período de guerra de fronteira, com pobres roçando no banditismo, com bandidos que serviam a dois senhores. J. Reglá assinalou-o recentemente para os bandidos do «Barroco»⁷. Contra estes, que actuavam nos Pirinéus, ou melhor, contra os bandidos... «maneiristas»... que os precederam, o rei de França, em 1561 propunha a Filipe II uma acção conjunta que ficou sem efeito, já que aquando das guerras de Religião os bandidos serviam de apoio. Bandidos do «Barroco» da Catalunha (que D. Qui-xote recorda), da Sicília talvez, transfigurando-se, à distância dos séculos, nos bandidos andaluzes, os bandidos românticos, como no artigo citado, os classificou Reglá e descreveu muito antes Gautier. Bandidos do Mediterrâneo, e não só da Europa mediterrânica de Filipe II, que conferem a essa Europa uma certa unidade, um «certo tempo» comum. F. Braudel na sua

⁵ J. L. Vives, *Del Socorro de los Pobres o de las Necesidades Humanas*, Madrid B. A. E. LXV, págs. 261-291.

⁶ B. Porchnev, *Les soulèvements Populaires en France entre 1623 et 1648*, Paris, 1963, págs. 142, 379; R. Mousnier, *Les Fureurs Paysannes*, Paris Colmann-Levy (1967), págs. 51-52 e passim.

⁷ J. Reglá, *El Bandolerismo en la Cataluña del Barroco*, in Anuario de História Econ. y Social, I, Madrid, 1968, págs. 281-294; J. Caro Baroja, *Ensaio sobre la literatura de Cordel*, Madrid, 1969) págs. 309 e segs. e 350 e segs.

obra maior delineou atentamente essa unidade acentuando a «ubiquidade» do banditismo, a sua penetração terrestre pelas estradas e caminhos de Aragão e Catalunha, pelos campos de Nápoles, a sua capacidade para se introduzir profundamente nos Alpes abrigando-se junto de Verona, para surgir, longe, às portas do Egipto, em Alexandria. Um banditismo terrestre fazendo «pendant», completando o curso. Um banditismo que parece orientar-se primariamente para um «revanchismo» contra os estados estabelecidos defensores da ordem política e da ordem social, que conhece os pontos fracos de seus estados⁸. F. Braudel, nessas páginas, parece ter conferido um lugar de relevo ao banditismo como fenómeno constitutivo do Mediterrâneo que estudou. Um lugar mais importante que o conferido aos pobres, aos pobres autênticos e aos «doublé» de vagabundos, mas acentuando o lugar importante que os pobres e vagabundos ocupam, como ponto de partida, na génese do banditismo. Uma testemunha da época? — «Como el pedir me valia tan poco y lo compraba tan caro, tanto me acobardé que propuse no pedirlo, por extremo en que me viesse. Viendome perdido comencé a tratar el oficio de la florida picardia...»⁹. Era o primeiro passo... E se os exemplos de banditismo que F. Braudel apresenta se dispersam por todo o Mediterrâneo, os exemplos mais numerosos de testemunhos da indigência mediterrânica parece, curiosamente, colhê-los na Ibéria de Filipe II, anotando as medidas que algumas vezes a favor dos pobres, e as mais das vezes contra «pobres e vagabundos» (uma expressão que apesar de tão constante parece apenas traduzir a imprecisão dos limites entre uns e outros) foram tomadas em Espanha, em Milão, em Veneza, nos Estados Pontifícios. Uma certa unidade de problemas levantados pelos pobres e vagabundos, mas também uma certa unidade de medidas contra eles, e a seu favor também: perseguições de delinquentes, e de pobres com esse nome, a expulsão de

⁸ F. Braudel — *La Méditerranée et le Monde Méditerranéen à l'époque de Philippe II*, 2.^a ed. II, Paris, 1966, págs. 85 e segs.

⁹ Mateo Alemán, *Guzmán de Alfarache*, I, 2, 1, (B. A. E.) Madrid, 1944, pág. 219.

pobres fingidos, o encerramento de pobres. Ponto polêmico este último. Mas esclarecido o que se entendia por «encerramento dos pobres» e as suas circunstâncias, foi medida praticada e apresentada como solução. Já acentuaremos o seu significado.

A Europa mediterrânica de Filipe II... — A Espanha dos últimos anos de Filipe II, a Península Ibérica dos começos do Barroco. Os pobres, problema dessa Europa, dessa Europa que para Braudel parece atingir o ponto máximo de «détresse» por volta de 1650?¹⁰ Parece que não, e que o pauperismo une, durante um largo período de tempo, o Mediterrâneo e o resto da Europa. P. Chaunu traçando as linhas de força da Europa do Barroco e do Classicismo, expressões suas, delineou as condições da vida e da morte nas várias «Europas». E embora ao contar os homens e ao tratar da ocupação do solo, não tenha atribuído capítulo especial aos pobres, aponta como por toda a Europa eles se encontram «morts de faim ou morts de maladies mises en mouvement sur les routes parcourues par les semeurs de mort, de la faim»¹¹. Certamente, com os pobres morriam alguns ricos, como naquele mês de Junho de 1694, no Beauvais, mas os pobres foram os mais atingidos¹². A mortandade para estes começara em 1693. Este quadro permite encontrar, desde este ponto de vista, uma certa unidade europeia para além dos anos do rei Prudente. Os estudos de P. Goubert, que P. Chaunu já utilizou, permitem ver por debaixo duma «semi-miséria» quase permanente que os documentos atestam, os mendigos e os mais pobres «manoevriers» que se confundiam com eles mesmo quando não eram tão pobres, de que os documentos não falam porque uns e outros não têm história¹³, embora P. Goubert reconheça que os bandos de mendigos tão frequentes na antiga França não aparecem no Beauvais. E um pouco mais ao norte? P. Deyon ao estudar

¹⁰ Braudel, ob., cit. II, pág. 75.

¹¹ P. Chaunu — *La civilisation de L'Europe Classique*, Paris, 1966, pág. 233.

¹² P. Goubert — *Cent Mille Provinciaux au XVII siècle. Beauvais et le Beauvaisis de 1660 à 1730*, Paris (1968), pág. 101.

¹³ P. Goubert, Id. id., págs. 208-209.

a sociedade de Amiens, viu-se obrigado a dedicar um capítulo especial ao pauperismo que aí surge com o cortejo consabido de medidas para o controlar¹⁴ e prevenir os seus perigos, nomeadamente em tempos de peste e fome¹⁵. Gaston Roupnel um pouco mais para o sul, encontrou um quadro negro de miséria na região de Dijon¹⁶. Delumeau, para um período coincidente com o tempo que nos ocupa, a segunda metade do século XVI, apontou a necessidade em que se viu S. Carlos Borromeo de aconselhar o internamento dos pobres de Roma¹⁷. A Inglaterra, em 1597, condenou a desterro, inclusivé para França, Alemanha, Espanha e Países Baixos, os «vagabundos» incorrigíveis e perigosos que acabaram, ao que parece por ir sobretudo, para as Índias orientais ou ocidentais^{17a}. Para Portugal entre 1573-1577, anos que se abeiram do período que nos ocupa, no Porto, A. Cruz estudou as dificuldades dos pobres em anos de fome e de peste e guerra e as medidas postas em prática para os socorrer e evitar contágio: medidas europeias, mas, como sempre, mais suavemente praticadas: em vez de expulsão ou encerco... um convite, com esmola, aos pobres a que, abandonando a cidade, regressassem às suas terras¹⁸. Um acerta unidade de tempo, de terra e problemas nessas Europas — nessa Europa — do Barroco e do Classissismo. Essa unidade poder-se-ia confirmar estudando, como esboçou P. Deyon, os sentimentos que os pobres e os vagabundos — mas todos pobres — foram inspirando a partir

¹⁴ P. Deyon, *Étude sur la Société Urbaine au XVII^e siècle. Amiens, Capitale Provinciale*, Paris-La Haye, 1967, II parte, cap. 25, pág. 348 e segs.

¹⁵ id. id. id. I, 2, págs. 17-33;

¹⁶ C. Roupnel — *La Ville et La Campagne au XVII^e e siècle. Étude sur les populations du pays dijonnais*, 2.^a ed., Paris, 1955, v. 1.

¹⁷ J. Delumeau — *Vie Economique et Sociale de Rome dans la Deuxième Moitié du XVI^e siècle*, Paris, 1957-1959-II, pág. 403.

^{17a} *Acts of the Prive Council of England*, New-Series, XXXII, 503-504 (cit. por A. A. Parker, in *Los Pícaros en la Literatura*, Madrid, Gredos, 1971, pág. 47, n. 22).

¹⁸ A. Cruz — «*Algumas observações sobre a vida económica e social do Porto nas vésperas de Alcácer-Quibir*», Porto, 1967, págs. 126, 149-200, e XL-XLI do *Livro Primeiro dos Acordãos do Arquivo Municipal do Porto*.

desses anos do terceiro quartel do século XVI. Sentimentos que parecem reflectir-se não só nas medidas «policiais» adoptadas com mais ou menos êxito, com mais ou com menos escrúpulos, com mais ou com menos polémica, por toda a Europa, mas também na pintura da época¹⁹. Nesse sentido se tem vindo sublinhando como a posição dessa Europa, que se queria e sentia cristã, perante os pobres — perante os pobres da cidade, principalmente, já que os do campo enquanto não engrossavam o número dos das cidades quase não ofereciam problemas — permite ir percebendo signos de mudança de mentalidade, de adopção de novas atitudes resultantes de uma cada vez mais urgente tomada de consciência do problema dos pobres em aumento. Atitudes novas? Talvez, se bem que essa tomada de consciência e o mal estar dela resultante, se podem assinalar já no século XII. Mas o esforço para apetrechar essa sociedade de modo a enfrentar essa situação preocupante — expulsão ordenada de pobres e vagabundos das cidades, licenças para mendigar, encerramento rigoroso dos pobres, criação de albergues de semi-encerramento — e a proporcionar-lhe a tranquilidade de consciência e ordem social, e, para tal lograr, vencer escrúpulos morais e teológicos — os direitos dos pobres à esmola, a pedir onde e como quisessem, o dever dos ricos de os acolherem — são momentos importantes na evolução da mentalidade europeia que se vai concretizando pelos últimos anos do século XVI, nos começos do Barroco²⁰.

Nesta ordem de ideias seja-nos permitido remeter para as páginas que P. Deyon escreveu sobre o encerramento dos

¹⁹ P. Deyon, *A propos du Pauperisme au milieu du XVII^e siècle. Peinture et Charité Chrétienne*, in *Annales* (E. S. C.), XX (1967), págs. 137-153.

²⁰ Muita desta problemática foi estudada para a França do século barroco, por J. E. d'Angers, J. L. Goré P. Chalumeau, J. Poulet, M. Venard, R. Mousnier, P. Goubert, em 1969-70 na Société d'Etude du XVII^e siècle, estudos que constituem os n.º 90-91 (1971) de *XVII^e Siècle*. P. Jeannin (*Attitudes culturelles et Stractifications sociales: refletions sur le XVII^e siècle européen*, in *Niveaux de culture et groupes sociaux*, Paris, Mouton, 1967, pág. 93) resumiu, pondo em evidência as principais achegas bibliográficas, a atitude puritana sobre estes pontos polémicos.

pobres e apoiá-las com a conclusão mais curta de P. Goubert: «... Rares furent les hommes aisés qui exprimèrent à l'égard des pauvres de la ville — des pauvres de la campagne il n'était jamais question — des sentiments de piété qui partaient du coeur. Il s'agissait surtout de préservation, de police sociale. Le docteur janséniste lui-même, Godefroy Hermat, l'a écrit et fait imprimer: les pauvres sont "des spectres hideux qui troublent le repos des particuliers, qui interrompent la joie des familles opulentes, et qui ruinent la tranquillité publique"; "il faut faire taire la clameur de ces misérables" qui poursuivent les paisibles bourgeois "jusque dans leurs maisons" et "s'assemblent en de criminels mouvements"»²¹.

Um ponto de chegada nessa evolução de mentalidade sobre o problema? Talvez não, já que Bachrel apontou e L. Febvre precisou²² para anos do século XVIII o medo, mais vivo em tempos de peste e fome, naturalmente. Para a Espanha de Filipe IV, a sempre trazida e levada frase de Quevedo no *Governo de Cristo...* «no es pueblo muy poderoso, señor, — el que yace en rematada pobreza: es carga, es peligro, es amenaza, porque la multitud hambrienta ni sabe temer ti tiene qué; y él que los quita cuanto adquirieron de oro y plata y hacienda, los deja la voz para el grito, los ojos para el llanto, el puñal y las armas...»²³, e que geralmente se tem tomado como um testemunho da extensão do povo esfomeado desses anos, e até talvez da sua qualidade, não haverá que tomá-la, não tanto como um sinal de alerta perante o perigo, mas principalmente como a expressão do medo duma sociedade

²¹ P. Goubert, ob. cit., pág. 379.

²² L. Febvre, *Une gigantesque fausse nouvelle: la grande peur de Juillet*, 89, in *Pour Une Histoire à Part Entière*, Paris, 1962, págs. 820-828.

²³ F. Quevedo *Política de Dios y Gobierno de Cristo* II, 12 in *Obras Completas*, Madrid, Aguilar, 1961, pág. 626, afirmações que se devem completar com algumas páginas ascéticas de «*Cuna y Sepultura*» (1634) — caps. III e V (*Obras...* ed. cit., págs. 1197-1199, 1211) e ainda as páginas da «*Epítome de la Historia de la Vida Ejemplar y Religiosa Muerte del Bien Aventurado Fr. Tomas de Villanueva* (1620), *Obras...* ed. cit., pág. 1139 que o aproximam, a tantos títulos, de Fr. Luis de Sousa na «*Vida do Arcebispo*».

que se via dificilmente capaz de os conter em caso de revolta, de «desgostos»? Não seria a primeira vez que tal revolta se daria, não seria também a primeira vez que os pobres (vagabundos... gente empobrecida... gente pobre) participavam, fazendo comuns a causa e o momento, em revoltas «populares» de matizes e finalidades diversas, participação condenada desde longe, desde o século XII, — e de novo o século XII, mas mais para porpor uma comparação do que uma continuidade — que as conheceu em larga escala ²⁴. Luis de Vives, temeroso, assinalava o facto e o perigo aos ricos cidadãos de Bruges, e Porchnev e R. Mousnier nas suas já citadas obras fizeram ressaltar a sua presença nas revoltas «populares» em França desde 1632 a 1648. Pérez de Herrera, no nosso momento de partida, nos últimos anos de Filipe II, anota o perigo dos pobres, não só para a boa ordem moral da sociedade, mas também para a segurança do Estado. Não os acusava ele, aos estrangeiros sobretudo, de colaborar com os inimigos de Espanha? Gentil da Silva assinalou «los pasados disgustos» em Madrid (1630, 1647), em Toledo (1650), em Sevilha (1650, 1652) e em Andaluzia, em Granada (1654, 1655), na Galiza a intranquilidade era geral em 1657... ²⁵.

²⁴ M. Mollat, *Pauvres et Pauvreté à la Fin du XII^e Siècle*, in Rev. d'Ascétique et de Myst. (Toulouse) XLI (1965), págs. 305-323. Não foi possível consultar o trabalho do mesmo autor, *Le Problème de la Pauvreté au XII^e siècle*, nem o de E. Delarruelle, *Le problème de la Pauvreté vu par les Canonistes et Théologiens du XII^e siècle*, apresentados à Deuxieme Session d'Histoire religieuse du Midi de la France au XII^e e XIII^e siècles, que resume e critica M. Pacaut, *Pauvreté, Vie Evangelique et Prédication chez les vaudois*, Rev. Historique, 93, CCXLI (1969), págs. 57-58.

²⁵ J. Gentil da Silva, *Desarrollo Económico, Subsistencia y Decadencia en España*, Madrid (1967), pág. 276. J. Reglá in *História Social y Economica de España y América*, Barcelona 1957, III, pág. 332, refere apenas entre os «vários levantamientos plebeyos» o de Sevilha em 1652, «donde la barriada de Feria estuvo veintiún días en revuelta». Tanto quanto foi possível controlar a bibliografia sobre revoltas populares do século XVII, pensamos que as da Península Ibérica, desde as referidas por J. Gentil da Silva (ob. cit.) até às de maior amplitude e consequências como as de Bilbao em 1634 (que julgamos um modelo de levantamento popular contra o fisco) e a de Évora em 1637, continuam por estudar, esta última apesar de e talvez por causa de D. Francisco

Poderíamos acrescentar, sem perder de vista o seu matiz especial, os «desgostos» de Viscaia (1631-1634), os de Segóvia (1634) os de Évora (1637). Nem todos os que provocavam essas alterações seriam pobres, mas talvez a sua maioria se sentisse pender para a pobreza.

II — Podemos, agora, concentrar-nos nas «postremerias» de Filipe II. Na Península Ibérica de Filipe II. Cristóbal Pérez de Herrera e Fr. Alonso Cabrera eram gente sua e dirigiram-se a ele e aos seus conselheiros e cortesãos. Na lista dos nomes que formaram a Junta (1597) que deu o parecer sobre as propostas do «amparo de los legítimos pobres y reducción de los fingidos», Pérez de Herrera inclui o confessor do rei, Fr. Diego Yepes, Fr. Juan de Castañiza, D. Alonso Colona e Fr. Pedro Fernandez, o confessor do Príncipe, nome este que confere à Junta o valor simbólico de transmissão dos poderes e problemas do reinado do Rei Prudente para o do seu sucessor.

Assinalaremos as condições de vida dos pobres nesses últimos anos do rei Prudente com um facto preciso, uma data exacta que presumindo à preocupação pelos pobres permita datar de alguma maneira a mentalidade do momento para com eles? — Essa Junta de 1597? O voto das cortes de 1596? A aprovação das propostas de Pérez de Herrera? — Do ponto de vista que nos ocupa parece preferível assinalar esse período com um acontecimento que surge, preocupa, alastra, atemoriza e vai matando: a peste. Não parece estarmos todos de acordo em que os pobres aumentam e sofrem especialmente, enquanto não diminuem, em períodos de peste?

Para os anos que nos interessam abandonaremos a vaga da peste que contaminou Sevilha em 1568-1569 e que alastrou em Lisboa com tal violência (recordada por Fr. Luis de Granada na «*Intruducción del Símbolo de la Fe*») que

Manuel de Melo. Para a França v. a síntese de R. Mandrou — *Vingt ans après, ou une direction de recherches fécondes: Les révoltes populaires en France au XVII^e siècle* (Rev. Historique, 93-CCXLIII (1969) págs. 29-40).

obrigou o Rei D. Sebastião a mandar chamar dois médicos sevilhanos para proporem medidas imediatas contra o mal²⁶. Assinalaremos como primeira vaga destes últimos anos de Filipe II a de 1580, uma peste que se julgava ter vindo de Lisboa numas galeras que negociavam em roupa²⁷. Uma segunda vaga, mais ameaçadora e longa nove anos depois, 1589, e que durará até cerca de 1602, embora se possam encontrar prolongamentos alguns anos depois. L. Cabrera de Cordoba assinala-a ainda em Outubro de 1605: «Todavía dura la poca salud des esta ciudad, y cada dia caen nuevos enfermos y muerem muchos de la gente ordinaria...»²⁸. É o «episódio maior» das vagas de peste na Península Ibérica que divide a história de Espanha em dois períodos²⁹. Propaga-se desde o Cantábrico, um caminho fácil, já que Espanha habituada, e como que imunizada, às pestes do Sul parece não estar preparada para resistir a uma peste do norte. Guzmán de Alfarache pôde testemunhar a descida da peste, o decréscimo das esmolas, a fome: «... Dabase poca limosna y no era maravilha, que en general fue año esteril, y si estaba mala la Andalucia, peor quanto más adelante del reino de Toledo, y mucho más necesidad habia de los puertos adentro. Entonces oí decir: *Librete Diós de la enfermedad que baja de Castilla, y del*

²⁶ Tomas Alvarez e Garcia de Salcedo que redactaram, depois de consultas com os médicos portugueses, entre 2 e 12 de Agosto de 1569 a *Recompilação das Cousas que convém guardar-se no modo de preservar a Cidade de Lisboa*, opúsculo que nos dá ao vivo as preocupações e medidas tomadas por uma cidade com a peste às portas. Há que ter em conta o trabalho de Y. David-Peyre, *La Peste et le mal vénérien dans la littérature portugaise du XVII^e siècle*, in Arqs. Centro Cult. Português, v. I (Paris, 1969), págs. 195-207; II (Paris, 1970) págs. 407-432 e III (Paris, 1971) págs. 356-370.

²⁷ Francisco Sanchez Oropesa — *Tres proposiciones ... a la Ciudad de Sevilla*, Sevilla, 1599, I prop. (s. pág.).

²⁸ Luis Cabrera de Córdoba, *Relaciones de las cosas sucedidas en la Corte de España desde 1599 hasta 1614*, Madrid, 1857, pág 261 (I-10-1605) citaremos sempre «*Relaciones*» ...

²⁹ P. Chaunu, ob. cit., pág. 216-217.

hambre que sube del Andalucia...»³⁰. Em 1597, expulsam-se os pobres de Madrid, pois aparecem as primeiras «secas»³¹. Em 1599, Galiza, Andaluzia, Lisboa estão já atacadas. Lisboa aparece ser particularmente atingida nesse ano, mesmo que aos 34 000 mortos de peste que assinala Cabrera de Cordoba não se atribua mais que um valor de «grandeza»³². Os tratados sobre a «pestilência» e a sua profilaxia parecem ter-se multiplicado, e alguns foram mesmo ditados para diagnosticar o mal e de o tentar minorar. Quatro exemplos: *Recompilaçam das cousas que convem guardarse no modo de preservar a cidade de Lisboa*, de Tomás Álvarez e Garcia de Salzedo (Lisboa, 1569); *Tres proposiciones... em que se ponem algunas advertencias para la preservacion i cura del mal que anda en la ciudade* de Francisco Sanches de Oropesa (Sevilha, 1599); *Avisos y Documentos para la perservacion y cura de la peste* de A. Diez Deza (1599) e o *Tratado de Ambrósio Nuñez*, português, mestre em Salamanca, cuja obra publicada em Coimbra em 1611, está escrita sob a impressão do avanço da epidemia em 1599. O interesse destes tratados neste lugar? Conselhos de higiene e profilaxia? As ladainhas da farmacopeia medievo-barroca? Não só por

³⁰ Mateo Aleman, *Guzmán de Alfarache*, ed. cit. I, 2, 1, pág. 219. E. Cros, *Proté et le Gueux. Recherches sur les origines et la nature du reci picaresque dans «Guzmán de Alfarache»*, Paris, Didier, 1967, e em *Mateo Alemán: Introducción a su vida y a su obra*, Salamanca, Auaya, 1971, bem como A. San Miguel, *Sentido y Estructura del «Guzmán de Alfarache» de M. Alemán*, Madrid, Gredos, 1971, abordam cuidadosamente, desde ângulos diversos, os problemas sociais postos em equação por essa novela dedicada a Pérez de Herrera.

³¹ Em 1579, «por las sospechas de secas malignas que havia en esta corte» expulsam-se os pobres de Madrid, Pérez de Herrera, *Discursos ...*, pág. 80 v. Em 1609 pensava-se tomar igual medida. Cabrera de Córdoba, *Relaciones...*, (20-VIII-1609), pág. 382.

³² Cabrera de Córdoba, *Relaciones...*, (22-V-1599), pág. 24. As vagas de peste entre 1592 e 1602 no norte de Espanha estão estudadas por B. Bennassar — *Recherches sur les grandes épidémies dans le nord d'Espagne à la fin du XVI^e siècle. Problèmes de documentation et de méthode*. Paris, S. E. V. E. P. E. N., 1969. Reflexões importantes sobre história biológica e sociedade podem ver-se em *Annales* (E. S. C.) XXIV (1969), n.º 6.

isso, mas também porque nos permitem perceber os sinais da luta da sociedade contra o medo, e o medo a invadir cada vez mais a sociedade — Oropesa é neste ponto explícito³³ — que chega ao ponto de, por transferência, o concretizar nos pobres. Mais ainda: o luxo que representava um combate — um tratamento? — da peste. O preço dos remédios? Não sabemos se já foi calculado o custo dum tratamento da peste em tempos de saúde e de bom ar. Os nomes, as anotações da dificuldade de encontrar tal ou tal produto (a indicação de tal ou tal «substituto» parece indicar mais ou menos raridade), as origens de alguns remédios — «Triaca de Burgos»... «Piedras bazares de nuestras Indias y las de Portugal» ... «tierra que traen de Malta»... «Coco das Maldivas» — parecem indicar um tratamento caro. Um luxo? Talvez, e de que a lista de remédios preventivos que Sanchez de Oropesa aconselhava aos seus amigos poderá significar um limite. O custo dum tratamento em tempo de «corrupção de ares» subiria. Mas só o custo dos remédios? E as simples desinfecções das casas? Que preços atingiria o vinagre? — Vinagre para lavar as roupas... as casas... os sítios de despejo das cidades. A lenha para os fogos..., para as fogueiras de plantas aromáticas, as mais aconselhadas. Somaremos ainda o preço do transporte dos doentes? Para os ricos talvez, já que Sánchez de Oropeza propõe à cidade de Sevilha medidas contra a especulação neste serviço, pois viu em 1599 pedir 16 reales por levar uma enferma a um hospital³⁴.

³³ «Propongo a V. S. um pensamiento que seria bastante para quitar el miedo a esta enfermedad que anda, no solo en Sevilla, pero adonde quiera que la haya, tan sin provecho del que la tiene, i con tan grande daño del que se à de curar...», ob. cit. 1.^a prop. (s. pág.). T. Alvarez e Garcia de Salcedo insistiam também neste aspecto para melhor se lograr «virtude fortificada con avonanza de espirito», conselho que traduz validamente o estado psicológico em que mergulhariam cidades e lugares apestados. A fuga era o remédio imediato para quem tinha medo e era também o único remédio. *El Crotalón (Origenes de la Novela II, 2, Madrid, 1931, pág. 149)* dá-nos o que parece ser o melhor «documento literário» sobre a confusão e estado de espirito numa cidade às mãos com a peste em 1525, mesmo que consideremos o que esse «documento» pode dever a G. Boccaccio.

³⁴ Sanchez de Oropeza, ob. cit., 3.^a prop. (s. pág.).

O preço dos remédios... da higiene... dos transportes. E o preço dos alimentos num momento em que quase paradoxalmente se aconselhavam alimentos ricos e sãos? Não só do trigo — o «trigo de mar» era desaconselhado e só tolerável misturado com anis (Tomás Álvarez) — mas ainda da carne, não só pela escassez, mas por que a de alguns animais era proibido vender em tempo de peste, como a de ovelha, considerada medicamente inconveniente; o preço do peixe, pelas mesmas razões profiláticas, subiria igualmente... A estas dificuldades há que juntar as dificuldades do abastecimento de cidades e pontos atacados. Alguns lugares onde se abasteciam normalmente os intermediários, proibiam-lhes a entrada ao saberem que vinham de pontos infeccionados, como constatava Sánchez Oropeza³⁵. Os ricos fugiam, mudavam de terra. Às vezes andavam de terra em terra, ponto polémico também este no Humanismo, italiano sobretudo, com Coluccio Salutti à cabeça, e que mereceu também a Erasmo uma breve reflexão. Os pobres ficavam e algum clero também. E nem todo mostraria o mesmo zelo³⁶. Que admira que Cabrera de Cordoba apontasse nas suas *Relaciones*: «La peste de Lisboa se ha ido acrescentando y los gobernadores se salieran de la ciudad y la gente de importancia, com que la demas ha quedado deseparada y sin socorro de mantenimiento ni lo necessario, que dicen es causa morirse más hambre que de la peste...»³⁷. Isto em 1599. Uns anos depois? — «Todavía dura la poca salud de esta ciudad y de cada dia caen muchos enfermos y mueren muchos de la gente ordinaria...». De Valladolid, Outubro de 1605, como em Setembro do mesmo ano, fazendo o balanço dos meses anteriores, escrevia: «Todavía se digo que desde San Juan acá habiam muerto cerca de mil personas, y que estaban enfermas ochocientas cincuenta, y de tabardillo ciento treinta que es lo que ha hecho más daño; pero los más son gente pobre, mal

³⁵ Id. id. id.

³⁶ *Cartas de Alguns Padres de la Compañia de Jesus*, M. H. E., XIV, págs. 143-144, n (ref. a 1637).

³⁷ Cabrera de Córdoba, *Relaciones...*, (1-X-1605), pág. 261.

acomodada y mantenida...»³⁸. Quais os recursos desta «gente ordinária» e «pobre, mal acomodada y mantenida»? — O hospital? Para os hospitais os pobres renitentemente se deixavam levar, encobrendo mesmo o mal para que não os levassem, como previnem Sánchez Oropesa e Tomás Álvarez³⁹, o que não é propriamente um louvor do hospital. E que poderiam em anos destes, e salvo casos e esforços isolados, oferecer os hospitais? — Em casos de epidemia mais ou menos violenta sempre, eram poucos. Em 1596-1599, em Segóvia, viu Diego Colmenares, «afligidos y atónitos en lo ardiente de Junio y Julio, las cuevas y campos llenos de camas y enfermos por no caber en tantos hospitales»⁴⁰. A sua administração, por vezes deixava muito a desejar, e a sua situação económica não seria das melhores. Em 1599, em plena crise epidémica, quando as prescrições médicas desaconselhavam os ajuntamentos e quando se exigia uma vida espiritual mais voltada para a penitência, pensou-se em Madrid autorizar a representação das comédias «por la mucha necesidad que padeciam los pobres sin el socorro que de esto les venia...». Por voto

³⁸ Id. id. id.

³⁹ Sánchez de Oropesa, ob. cit. II prop. (s. pág.); T. Alvarez e G. de Salcedo, ob. cit. cap. «Da ordenança que se há-de ter com os enfermos pobres».

⁴⁰ Segovia, Hospital de Sancto Spiritus, 1545. O comendador «gastava las rentas de la encomienda y otras muchas que tenia en perros y pajaros de caça y volateria» e só em 1573 se fez a composição que permitiu aplicar as rendas aos fins destinados. — D. Colmenares, *História de Segóvia* (1637), XLV, pág. 568. J. Lhermite e H. Cocq subditos flamencos, vivendo em Espanha nos fins do século XVI e durante os primeiros anos do seguinte, anotaram uma enorme rede de hospitais por toda a Espanha, embora, exceptuando Zaragoza, Santiago e Barcelona, reconhecessem os seus fracos serviços: o de Sevilha era mais um palácio que um hospital e que o «Gonzalez de Mendoza» de Toledo era «plustot enfermerie des chanoynes de la Cathedrale que hospital des pauvres» e que o outro situado fora da cidade, muito belo, era «gouverné de telz qui ont plus tot soing de leur propre commodité que celle de la republique, et ainsi n'y sont guère admis des gens pauvres», situação apenas remediada pelo melhor funcionamento dum terceiro hospital. J. P. Deyon, *Un tableau de l'Espagne à la fin du XVI^e siècle* in *Lettres Romanes*, VII (1953), págs. 371-381 e VIII (1954) págs. 36-43, 137-138-256-264, 362-371.

contrário do confessor real a licença não chegou a ter efeito. Em Abril desse mesmo ano voltou a falar-se nisso⁴¹. Mas no ano seguinte teve de tomar-se «la resolución que puedan representar-se comedias en los teatros de aqui adelante, lo qual estava proibido por evitar el escándalo y mal ejemplo que en ellas habia; pero por-los hospitales no pierdan el provecho que se les sigue, sin lo cual se padecia mucho en la cura de los pobres, y estaban para cerrarse los hospitales porque no bastaban las limosnas, se da licencia para representar comedias de histórias, que no mezclen actos de religión, de santos y que las mujeres que representan no se pongan en hábito de hombre...»⁴². Hospitais sem recurso, ou quase, anos faltos de esmolos. Anos de expulsão de pobres, já que o seu encerramento resultava caro, como nos fins do século expunha D. Vicente de Cangas Inclán a Filipe V⁴³.

Aspectos do viver da «gente pobre mal acomodada y mantenida» das cidades. Das grandes sobretudo. Anos ainda em que morriam homens e gados de fome e de frio — em Janeiro e Fevereiro de 1600 «o frio es general en todo el reyno y causa morirse mucho ganado, y en el puerto de Guadarrama han perecido más de treita personas; con todo esto S. M. no ha dejado de salir al campo...»⁴⁴.

... «ha muerto mucho ganado, y en el puerto de Guadarrama han perecido más de treinta personas...». Tocamos neste ponto problemas de gente do campo. Dos pobres dos campos? Dum campo que — F. Braudel, Viñas y Mey, N. Salomon já o comprovaram nos seus matizes mais amplos — se ia despovoando. Que se despovoaria mais em anos de mais fome, de proximidades de zonas de guerra, de cais de embarque. Motivos diferentes de causa comum contra a qual os pobres

⁴¹ Cabrera de Córdoba, *Relaciones...*, (9-I-1599), pág. 5, e (17-IV-1599) pág. 18. Uma breve mas muito precisa referência a este problema fez E. S. Morby, na sua esplêndida edição de *La Dorotea* de Lope de Vega, Madrid, Castalia 1968², pág. 329.

⁴² Id. id. (4-II-1600) págs. 59-60.

⁴³ D. Vicente de Cangas Inclán, *Epistolario Español* (BAE) II, Madrid, 1965, pág. 148 b.

⁴⁴ Cabrera de Córdoba, *Relaciones...*, (4-II-1600), pág. 57.

—melhor talvez, os empobrecidos — tentaram lutar expondo as suas razões⁴⁵. Gente que se sente pobre, que se classifica em memorias e representações, queixas de gente que paga e se sente oprimida, que com mais ou menos facilidade se decide a deixar terras e alcavalas. Pobres que circulam por toda a parte e que ninguém vê passar pelos caminhos⁴⁶, que conhece a fama da caridade generosa de tal ou tal cidade⁴⁷. O policiamento à porta dos conventos para expulsar pobres fingidos revela toda uma corrida à caridade. Aspectos estes das necessidades e contingências porque passava muitas vezes a «gente ordinária» (que tradicionalmente abundava mais numas regiões que noutras), contingências devidas muitas outras vezes também a causas menos imediatas, como algumas apontadas atrás. Cabrera de Córdoba refere zonas de pobres em Leão... Astúrias... (testemunhos confirmados por Andrés de Prada junto de Garcia de Loyasa, limosnero

⁴⁵ *Memorial de los Labradores a Filipe II*, Mans. Bibl. Nac. Madrid, n.º 13 239 cit. por Viñas y Mey *El Problema de la Tierra en la España de los siglos XVI e XVII*, Madrid, 1941, págs. 44-45.

⁴⁶ N. Salomon, *La Campagne de Nouvelle Castille*, Paris, 1964, pág. 103 e segs.

⁴⁷ Um exemplo francês, mas certamente válido para esta Europa século XVII: «Recevant dans l'Hôpital des pauvres qui viennent des champs, on prive la campagne d'ouvrieres pour la culture des terres et de valets dont on a si grand besoin pour mener les bestes aux champs, parce que ces sortes de gens de quelque sexe et de quelque âge qu'ils soient, estant assurez une retraite à Paris (...), il n'est pas malaisé de se persuader qu'ils ne demeureront pas à la campagne, où ils sont obligé de travailler depuis le matin jusqu au soir, sans avoir autre chose qu'un morceau de pain bis et de l'eau, s'estimant bien heureux quand ils ont une fois ou deux l'année une coine de lard pour frotter leur pain, sans avoir jamais une goutte de vin ...», Mans. cit. por P. Mandrou *Introduction à la France Moderne, Essai de Psychologie Historique*, (1500-1640), Paris, 1961, págs. 30-31 (a supressão é nossa).

Este exemplo pode ser, até certo ponto confirmado por este espanhol: «Un corregidor le propuso (ao bispo de Segóvia, D. Pedro de Castro — 1604-1611) reparasse que con las muchas limosnas que se daban siempre en su casa se ocasionavan bagabundos en la ciudad; y respondió con mucho sossiego y advertencia: *A mi me toca la misericordia y a V. M. la Justicia ...*» D. Colmenares, ob. cit., XLVII, pág. 607.

de S. M.⁴⁸) ...na Galiza. D. Diego de Simancas não queria aceitar o bispado de Zamora por ser terra de muitos pobres. Pobres castellanos, pobres portugueses, pobres, esses para cúmulo, «poco devotos»⁴⁹. Mas «terras de muitos pobres» nem sempre é igual a terras de gente muito rica. L. Cabrera de Córdoba refere a traços largos o estado em que se encontrava a nobreza de Leão (nem toda certamente) quando Filipe III visitou a cidade em condições e rapidez que sugeriram, segundo Bataillon, a «Picara Justina»⁵⁰. Uma nobreza rural empobrecida — que vive numa «cidade» — e que diante da visita do rei tem de renunciar..., tem de retirar-se para o campo, onde já não se morre de fome, mas onde quotidianamente se come mal, sempre na perspectiva de maus anos e preços altos, de fome. E o «medo a morrer de fome» não foi já apontado como o primeiro traço da civilização moderna?⁵¹. Cabrera de Córdoba situa-nos já nos primeiros anos do reinado de Filipe III. Mas nestes aspectos que enunciámos eles são ainda dos últimos anos de Filipe II.

III — Recordamos? Cristóbal Pérez de Herrera assinalou as primeiras secas em Madrid em 1597, sintomas que levaram à expulsão dos pobres. As propostas sobre o «Amparo de los legítimos Pobres» foram entregues nas cortes de 1596. Foram publicados em 1598 depois de aprovadas, e de solicitada a sua aplicação por muitos procuradores e cavaleiros, e visavam prevenir e remediar os males causados pela quan-

⁴⁸ *Memoriales para el muy Ilustre y Reverendisimo Señor Garcia de Loaysa, limosnero de Su Magestad, de don Andres de Prada, abad de Tuñon*, apud J. L. Gonzalez Novalin, *El Panorama Social de Asturias desde e 1580 hasta el 1622*, Bol. Inst. Est. Ast. XX (1966), n.º 59, págs. 133-137.

⁴⁹ D. Diego de Simancas, *La vida y cosas notables del señor obispo de Zamora, don Diego de Simancas escrita por el susodicho*, in *Autobiografias y Memorias*, ed. Serrano y Sanz, N. B. A. E., 2, Madrid (s. d.), pág. 198.

⁵⁰ M. Bataillon, *La Picara Justina*, in *Picaros y Picaresca*, ed. cit., pág. 31-199.

⁵¹ R. Mandrou, ob. cit., pág. 30.

tidade «inumerável» de pobres que percorriam o reino, um reino que Pérez Herrera⁵² não limita, e às vezes parece reduzir-se à Corte, outras vezes ter os limites de Castela. E Alonso Cabrera? Pregador de Filipe II desde, talvez, 1582 até 1598, ano em que morreu depois de ter pregado nos funerais do mesmo rei. Outra testemunha da quantidade «inumerável» de pobres que Pérez Herrera não faz baixar de alguns largos milhares, números que Pedro de Guzmán parece não ter exagerado⁵³.

Os dois — o médico das galeras reais e o pregador — são duas testemunhas bem situadas. Cada qual desde a sua perspectiva, mesmo aceitando e sublinhando o seu carácter literário.

Pérez de Herrera, médico, em contacto com problemas que exigem reformas e soluções em 1595, nas vésperas dum fenómeno importante na conjuntura desses anos: a peste de 1596, que se mitigará aqui e além, que obrigará à Junta de 1597 (peste e pobres), que surge de novo em 1598. Anos de mais peste e de mais (?) pobres. As soluções — e as meditações — de Pérez Herrera são, dentro deste horizonte, propostas de soluções architectadas ao vivo, estabelecidas pela urgência. Toda a sua obrita deixa perceber essa marca de urgência, e, por isso mesmo, não pode deter-se em grandes análises, em propôr soluções polémicas. Há necessidade de harmonizar opiniões do passado — Vives... Soto... e, em certa medida, Giginta — e de estabelecer um plano de acção contra os pobres «fingidos, enganosos, vagabundos... provocadores con sus pecados y excessos de la ira de Dios contra todo el pueblo (entenda-se, a peste como castigo divino) y causa de los contagios y enfermedades dél...»⁵⁴. Neste sentido — e

⁵² A sua personalidade e obra foi esboçada por Luis S. Grangel, *Vida y obra del Doctor Cristóbal Pérez de Herrera*, Salamanca, Ediciones del Seminario de Historia de la Medicina, 1959.

⁵³ Pérez de Herrera — *Discursos...* III pág. 99 calcula «en toda España más de 150.000 entre hombres, mujeres niños y niñas» e P. de Guzmán, *Bienes del Honesto Trabajo y Daño de la Ociosidad*, Madrid, 1614, II, 8, págs. 122-123 — refere a entrada de 60 000 estrangeiros pobres.

⁵⁴ Pérez de Herrera, *Discursos...*, Prólogo.

nestas circunstâncias — Pérez de Herrera é uma testemunha excepcional... Mas é, sobretudo, a testemunha de acusação contra os «falsos pobres», contra os maus pobres. Todas as suas propostas visam, no fundo, esta «classe» de gente pobre.

Fr. Alonso Cabrera é também uma testemunha desses mesmos anos. Uma testemunha de acusação também: a testemunha de acusação dos ricos, entenda-se, dos «maus ricos». A sua situação de pregador real depois de 1582 permitir-lhe-ia tais distinções e limites.

Dos dois testemunhos, só Pérez de Herrera parece ter sido até agora aproveitado. O proto-médico é citação obrigatória em qualquer obra que refira o estado social dos fins do século XVI, começos do seguinte. Mas, geralmente, o seu testemunho parece apenas ter valor pelo quadro — bem monótono, aliás, — que traça da sociedade «pobre», pelos números — discutíveis, apesar da garantia de origem — que apresenta ... e, ainda pelas soluções mais ou menos originais que propõe para atender aos pobres verdadeiros⁵⁵. Soluções estas olhadas quase sempre pelo que contêm de «originalidade» de solução em si mesma dentro do quadro diacrónico das soluções sociais na Península Ibérica. Para além do que elas têm aportado à compreensão de «*Guzmán de Alfarache*» parece não se ter reparado naquilo com que podem contribuir a uma história da mentalidade (e de sensibilidade) do seu momento. São soluções urgentes, soluções de compromisso. Têm de aceitar grande parte das soluções tradicionais e tentar adaptá-las para as tornar efectivas e operáveis. A prática delas terá de chocar com realidades, com interesses, com opiniões concretas dos seus contemporâneos. Soluções de compromisso estas de Pérez de Herrera, que foram aceites e praticamente legalizadas⁵⁶. Praticamente legalizadas, mas que nunca se

⁵⁵ É, ao que nos parece, este o critério de M.^a J. Salas, *Historia de la Asistencia en España en la Época Moderna*, Madrid, 1945, págs. 105-107.

⁵⁶ *Proyecto de Arreglo General de Beneficiencia del Rey Don Filipe III*, publ. por Fernández Iglesias, *La Beneficiencia en España*, Madrid, 1876 II, Apéndice II, págs. 1137-1151.

puseram em prática. Ficaram em projecto, apesar dos votos e reclamações de cortes. Assim, soluções de compromisso que passado o período de urgência que as ditou parecem não corresponder já às necessidades posteriores? Talvez sim, talvez não. Soluções de compromisso, urgentes, que, aceites e reclamadas posteriormente, não podem ser postas em prática pelo seu próprio carácter de urgência, de improvisação de hospitais e albergues, de capelães, de bandos, de horários. Por falta, diríamos hoje, de infraestruturas. Mas que conservam — foram reclamadas — o seu carácter de soluções julgadas apropriadas pela sociedade do seu tempo interessada em proteger os verdadeiros pobres e, talvez sobretudo, em desmascarar e em acabar com os «falsos pobres» que, além de realidade eram já um motivo constante, talvez até um tópico, da sátira moral do Humanismo⁵⁷. Soluções e defesas delas, que podem ajudar a perceber a mentalidade dos momentos que as exigem e as ditaram.

Do outro lado — Pérez Herrera está ao lado dos pobres verdadeiros — do lado dos bons ricos encontra-se Fr. Alonso

⁵⁷ Um exemplo pode ver-se na *História Del Momo* de L. B. Alberti, na tradução de A. Almazán, Madrid, 1547 cap. VIII, págs. 90 r.-92 r., capítulo em que repreendendo «el autor a alguns mendigantes que adredemente andam desnudos y magados para mover mas compassion y les den mas limosna», apresenta un retrato «robot» do falso pobre: «cara aplanchada, salvo que tenia la nariz tan salida y gruessa que poderia bien servir a un elefante; la barba tenia hundida debaxo de la boca y narizes. Las barbas crespas y cortas... El cuero del rostro velloso y arrugado y colgavante unas muy luengas barbadadas de las quijadas. Andava cayda la cabeça sobre el ombro siniestro... y levantavasele de la una espalda una muy empinada corcoba, el andar echava unos passos muy largos y muy espaciosos, y de muy descaecidos miembros como si de luenga y grave enfermedad estuviera desplomado... No quiero decir la ropa que traya y el aliño y otros aparejos suyos, ni la talega que traya al ombro hecha de mas de mil pedaços, y una capa que devia de ser revisaguela de todas as capas de los mendigantes que no precia sino que avian hecho en ella nido mas de cien mil ratas paridas. Traya colgando de la cinta una calabaza y una hortera, tan suzias y tan hediondas que no avia quien pudiesse sufrir el asco de ellas...», o que aliás não o impede de «poeticamente», fazer o elogio do «vagabundo». Mas isso é já outro capítulo da *História*.

Cabrera pregando contra os maus ricos, isto é, contra aqueles ricos que não socorrem os pobres verdadeiros.

Duas testemunhas que, talvez se completem. Duas testemunhas um pouco genéricas, com uma localização não muito precisa — Espanha 1580-1600 —, mas ambos testemunhas do viver e proceder (da realidade e da mentalidade?) dos hispânicos em período imediatamente trágico para os pobres e cujas consequências são de longa duração.

Completar-se-ão efectivamente? Hoje por hoje parece que sim, e neste sentido o seu confronto pode revelar-se útil, já que tanto médico como o pregador visam uma acção imediata apelando para soluções distintas, mas concorrentes. Isto permite confrontar as suas posições, não tanto pelas soluções que apresentam, como pelo espírito que as informa.

Para Pérez Herrera «el amparo de les legítimos pobres» é assunto «grande, necesario y dificultoso». Ele sabe porquê. Há que proteger os verdadeiros, entendam-se, «los necesitados de bienes temporales y fuerzas para ganar lo que han menester con que sustentar la vida»⁵⁸ (vida corporal e espiritual) e há como consequência, que acabar com os «fingidos, falsos, engañosos, y vagabundos... transgressores de las buenas leyes y costumbres... provocadores con sus pecados y excessos de la ira de Dios... causa de los contagios y enfermedades perniciosas...». Um programa de defesa e acusação que nas suas linhas gerais se repete desde o século XII até ao século XVIII, mas que por esse seu carácter tradicional não revela menos o ângulo de visão do seu autor. Um ângulo bem estreito, se atendermos à quantidade (e qualidade) de pobres «não verdadeiros» que parecem revelar os qualificativos empregados por Pérez Herrera e as acusações que deles resultam. Gente que deve ser examinada com atenção, capaz de tudo para conservar-se nesta «ociosa y mala vida»⁵⁹. Gente que nem sequer aproveita o seu «ócio» para se confessar, comungar, ouvir missa, aprender a doutrina cristã da

⁵⁸ Pérez de Herrera, *Discursos...*, Prólogo.

⁵⁹ Id. id. págs. 2-2 v.

qual apenas sabem⁶⁰ o *Pater* e a *Ave* com que pedem as esmolas, isto é, gente para quem a prática religiosa não existe, o que se compreende que cause uma certa comoção nestes anos de renovação e afervoramento tridentino. Quando entram nos templos perturbam a quem segue com atenção a oração — Pérez Herrera lembra-se do decreto de Pio V, proibindo aos pobres esmolar dentro dos templos. Mais: não jejuam, não se abstêm de carne nos dias preceituados. Tudo isto constitui o primeiro inconveniente de haver muitos pobres. O primeiro inconveniente e, ao parecer, a pauta máxima para diferenciar os pobres verdadeiros dos pobres falsos. Verdadeiros pobres, falsos pobres. A oposição parecerá mais verdadeira enunciada doutro modo: — Verdadeiros Cristãos / maus cristãos? — Talvez, se entendermos, como Pérez de Herrera, por falsos cristãos aqueles que «biven como gentiles», isto é, pecadores mais ou menos voluntariamente ignorantes do mínimo de doutrina cristã que garanta a consciência do pecado e afastados de toda a prática religiosa, como muitas das almas que Fr. Bartolomeu dos Mártires e D. Pedro de Castro encontraram pelas montanhas do Barroso e do Lugo. Quando se extremam assim os campos, todos os «inconvenientes» vêm condicionados por essa perspectiva. E assim

⁶⁰ Quando sabem. Pérez de Herrera afirma ter encontrado um pobre que contava cinco pessoas na S. Trindade, pobre que deveria pertencer, segundo ele, a alguma seita estrangeira. Maneira simples de olhar Espanha? O Arcebispo de Braga Fr. Bartolomeu dos Mártires, pela mesma época encontrava casos parecidos nas montanhas do Barroso em Portugal — «Benta seja a Santa Trindade irmã de Nossa Senhora!», contava-se por aí diante do Arcebispo — gente que não sabia um único mandamento da Leis de Deus, que teria missa de três em três meses em igrejas pobres e cujos curas «se alguns perseveravam (a viver nessas terras) eram tão rudes como seus fregueses» (Fr. Luis de Sousa, *Vida de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*, ed. Clás Sá da Costa, Lisboa, II, págs. 77-78). Diego de Colmenares, ob. cit. XLVIII, também lembra «aquellas ovejas que en vida y costumbres diferenciavan poco de irracionales, viviendo en suma miseria por la esterilidad de aquellas montañas» de Lugo e que por volta de 1599 tanto trabalho custaram a D. Pedro de Castro, seu bispo. A ignorância do campo, o sentimento religioso da gente do campo, sem generalizar demasiado, parece ser uma realidade que justifica a ignorância de muitos que o abandonavam e engrossavam mais tarde ou mais cedo o número dos pobres.

a ociosidade, a gula, a sensualidade, a mancebia, as mil «torpezas», o jogo, são consequências e causas⁶¹. A própria menos-pobreza dos pobres (como tolerar um pobre rico?) ganha foros de riqueza, de grande fortuna. Um «pobre rico» — uma contradição de que talvez houvesse exemplos, mas que revela sobretudo um paradoxo intolerável à psicologia colectiva — é por isso mesmo, para além do pecador que possa ter sido para alcançar essa situação, um pecador: os ricos (nobres e burgueses), os que detêm o dinheiro pelo dinheiro — e um pobre rico está nestes casos, pois ao parecer, só entesoura... — não estão no número dos grandes pecadores? Ricos avarentos, pobres soberbos, qualidades que nem nos ricos — e a estes tanto se tolerava — se podem suportar⁶². No fundo, e quase sempre, grandes pecadores.

Mas Pérez de Herrera ainda não acabou. Os maus pobres são assassinos ... e podem ser (quase sempre são) espiões, traidores. E muitos deles serão herejes de «alguma secta de las malditas que tienen en Inglaterra y Francia»⁶³. Pobres herejes: outra maneira de oposição mental, a mais violenta, já que os separa de toda a Salvação. Do ponto de vista social, os pecadores mais perigosos, aqueles que a sociedade deve amputar. Imediatamente.

Um ângulo de visão — as perspectivas da Salvação dos pobres — fica delineado. Um ângulo de visão condicionado pela utilização duma argumentação tradicional: o «padre de

⁶¹ Pérez de Herrera, *Discursos...*, págs. 4 v.-5, 5-5 v.

⁶² Id. id. id. E ponto tocado por moralistas e autores ascéticos. C. Castillejo, *Aula de Cortesanos, Obras*, Clás. Cast. III, Madrid, 1928, pág. 154; Fr. Filipe Diez, *Consideraciones Espirituales*, (1602), XII; Fr. J. Abad na censura de «*Consuelo de Pobres y Remedio de Ricos*, (1664) de M. Aguirre; Fr. Felix Alamin, *Retrato del Verdadero Sacerdote*, (1704), III, 17, exigem que o pobre seja «sofrido» e não se «ensoberbeça». Uma perspectiva moral. Onde começará e acabará a perspectiva motivada por uma reacção de mentalidade que, apesar de todos os esforços, situa a oposição pobres / ricos num ambiente em que todos se deviam manter na sua «esfera» social?

⁶³ Pérez de Herrera, *Discursos...*, pág. 12. Um bom resumo — e muito interessante dada a filiação doutrinária da obra — de todas as acusações que Herrera faz aos pobres («falsos») pode ver-se em *Agonia del Tránsito de la Muerte* de A. Venegas (III, 16), Madrid, N. B. A. E., 1911, pág. 179.

Huerfanos» da Zaragoza no século XV, devia exercer no desempenho do seu cargo uma vigilância especial sobre a vida espiritual, entenda-se prática religiosa, dos pobres⁶⁴. Uma certa continuidade, por si mesmo significativa, da situação dos pobres e da maneira de os olhar.

Mas os pobres não viviam isolados ... e, mesmo que fosse coisa fácil separar do resto da sociedade esses milhares, ainda não se tinha assentado na legitimidade de tais isolamentos, encerros, proibições de esmolar directamente. Vivendo, pois, em sociedade, misturados das mais variadas maneiras «en lugares grandes», calcorreando, apesar de que na hora das «*Relaciones Topográficas*» ninguém os vê passar, todos os caminhos, sozinhos ou em bandos — Malen, um dia, 3000 «*hombres y mujeres juntos, todos mendigantes*»...; em Soria, «grande numero delles»...; em «Castilla vieja... Galiza... Astúrias... gran cantidad de ellos»⁶⁵ zonas do norte a juntar às zonas mediterrânicas — celebrando «juntas», coisa que causou espanto e temor aos que leram a 1.^a edição dos «*Discursos*» de Pérez de Herrera⁶⁶. Juntas de pobres espanhóis, gascões, franceses, portugueses, juntas de maus pobres, de pobres herejes, de gente perigosa que entra e percorre toda a Espanha sem se saber quem é, como vive e para que entrou⁶⁷. É o

⁶⁴ Ricardo del Arco, *Una Notable Institución social: el Padre de Huerfanos*, Estudios de Hist. Social de España III, Madrid, (CSIC), 1955, págs. 189-192.

⁶⁵ Pérez de Herrera, *Discursos*..., págs. 15 r.-15 v.

⁶⁶ Id. id., pág. 16 r.

⁶⁷ Pouco depois começarão a ser anotados os irlandeses. Fernández Navarrete, *Gobernación de Monarquias* (1626), BAE XXV, Madrid, 1947, Disc. VII, é um momento importante de toda uma crítica à entrada pouco controlada de estrangeiros em Espanha à sombra de romarias ou perseguições religiosas. Os problemas levantados pela participação dos estrangeiros na vida espanhola — e os sentimentos que despertaram — foram amplamente estudados por A. Dominguez Ortiz em *Los extranjeros en la vida española durante el siglo XVII*, in *Estudios de Hist. Social de España* IV, 2 (1960), págs. 293-426 que no entanto não foca especialmente os pobres estrangeiros. Conf. Lope Deza, *Gobierno Político de Agricultura*, (1618), págs. 105-106 v. Para a problemática geral da vida e mentalidade dos estrangeiros em Espanha (e também em Portugal) nos séculos XVI e XVII v. *Historia Social de España y América*, ed cit. III, cap. «*La mentalidad de las clases modestas — Los extranjeros*».

momento de Herrera reagir contra um processo de mobilidade que F. Braudel e R. Mandrou puseram em evidência como traço social da Europa moderna⁶⁸. Mobilidade ditada pela pobreza, pela perseguição religiosa. Pela necessidade de evasão também? — Possivelmente.

E a acrescentar apenas os estrangeiros disfarçados de pobres — «...en los dos (años) de la guerra de Portugal sabem que entraran mas de treita mil, que se puede considerar cuantos herejes de diferentes setas vendrian entre ellos, pues ay tan pocos catolicos en sus provincias, por nuestros pecados; andan por estos reynos llevando y sacando mucho dinero dellas para hancernos guerra por ventura con el propio...⁶⁹. No fundo, ainda, gente perigosa, capaz de sedições, divulgação de seitas e segredos em tempos de guerra, especialmente, e cuja perigosidade aumenta ao saber-se que comem mal — «...carnes corrompidas y otros (alimentos) malos y podridos que se desechan de las casas, y beviendo malas aguas y malos vinos y en mucha cantidad»⁷⁰ — que comem mal, dizia, (Herrera é implacável) «por ahorrar o por no trabajar». A estes perigos sociais há que juntar um outro mais terrível no momento: — a peste. Pelos «halientos y sudores sucios, y de las llagas corrompidas... alteram el aire, engendrando tabardillos y e a veces pestes...»⁷¹. Andalucia — «tierra humida y caliente», cais de embarque, a experiência de Pérez de Herrera — é propícia a este género de pestes causadas pelos pobres. A peste de Andalucia... a região donde tradicionalmente subia a peste. Que mais era necessário para culpar os pobres? — É a hora das soluções, dos remédios.

Em linhas gerais, o ângulo da visão da perturbação social — em que também entra a vida da alma — causada pelos pobres. Pobres jogadores... avarentos... licenciosos... sujos... que comiam bem... perjuros... ricos... defeitos intoleráveis (ou toleráveis?) nos ricos, quanto mais nos pobres. Aqui conviria alargar o inquérito a outras fontes. Não

⁶⁸ R. Mandrou, ob. cit., pág. 300.

⁶⁹ Pérez de Herrera, *Discursos* ..., págs. 14 v.-15 r.

⁷⁰ Id. id. id.

⁷¹ Id. id. id.

haverá, a partir de casos concretos, a sensibilização duma sociedade que teme ver-se a braços com um «escândalo» que ela permitia, e, até talvez fomentasse muitas vezes?... Além disso, ao nível da mentalidade hierarquizada — e super sensível à hierarquização — dos séculos XVI-XVII não seria chocante que os pobres ostentassem os mesmos «vícios» que os ricos e poderosos?...

Para tudo isto — para acudir à salvação dos pobres e à salvação da sociedade — Pérez de Herrera propõe soluções, remédios urgentes. Mandá-los às suas terras? Esta solução, cedo proposta já a Carlos V⁷² e posta em prática à volta de 1544 em Toledo, como parece recordar Lázaro de Tormes^{72a}, para além das queixas e gastos que supõe revela-se ineficaz, porque os pobres «son de tierras muy pobres los mas y

⁷² M. Colmeiro. *Historia de la Economía Política en España*, Madrid, 1965 (reed.) VI, pág. 601 — anota os pedidos que neste sentido foram feitos pelas cortes de Valladolid em 1518 e 1523. O Porto, em 1575, não sabemos com que resultados, diante da «muita esterelidade que ouve este ano de pão em todo o antre douro e minho e tras os montes e beira» que obrigou a vir à cidade «muitos pobres» que comiam ervas danosas que era causa de morrerem muitos pela qual razão avia muitas doenças (?) na cidade ... doenças que se apegavão e muito impiedosas» resolvem convidar os pobres a regressarem às suas terras dando a cada um uma esmola. A. Cruz, ob. cit., pág. XLI. Um tipo de pobres parece ter preocupado a sociedade portuguesa dos séculos XVI e XVII: os ciganos. Miguel Leitão d'Andrade na sua *Miscelânea* (Lisboa, 1629), págs. 338-340 assimilando-as a outros pobres propõe para eles as tradicionais soluções que se resumem em fazê-los trabalhar, mas não sem antes eventar outro remédio: embarcá-los para o Brasil ou para Angola (págs. 335-338).

^{72a} Para além de M. Bataillon que chamou a atenção para a importância destas linhas do *Lazarillo de Tormes* como único facto datável de história social apontado na novela (*Novedad y Fecundidad del Lazarillo de Tormes*, Salamanca, Anaya, 1968, págs. 24-25), F. Márquez Villanueva (*Espiritualidad y Literatura en el siglo XVI*, Madrid, Alfaguara, 1968, págs. 120-128) aproveita finamente e desenvolve, em todas as suas consequências, a sugestão de M. Bataillon. Muito importantes neste mundo ambíguo da novela pitoresca — arte e sociedade — se revelaram os estudos de E. Cros que culminaram no seu já citado «*Protée et le Gueux. Recherches sur les Origines et la nature du Recit picaresque dans «Guzmán de Alfarache»*», Paris, Didier 1967, onde avulta a importância de Cristóbal Pérez de Herrera com o seu «*Discurso*».

vienen a buscar las más ricas»⁷³. No fundo a impossibilidade de conter a imigração do campo para a cidade. A única solução, a verdadeira, serão os albergues de recolhimento de pobres, isto é, dos verdadeiros pobres, solução praticada episodicamente em 1541⁷⁴. A admissão — «o exame dos pobres», um ponto polémico (Vives, Soto, Giginta) que encontrará eco ainda em 1664 —, a vida dos recolhidos desde as ocupações e trabalho às práticas de devoção⁷⁵ a economia dos albergues, as diversões dos pobres, tudo parece estar previsto e regulado pelo proto-médico de Filipe II. A novidade (uma certa magia de palavras para evitar a polémica) é que os pobres estão «recolhidos» e não «encerrados». Poderão continuar, sob certas condições, a mendigar. Serão os pobres autênticos, os pobres legais. Uma solução de compromisso, que tinha a vantagem de permitir a esmola directa, que permitiria aos pobres estarem sempre providos de «coisas de comer» e de dinheiro e de evitar, assim, um encerramento que resultava caro e às vezes contingente por falta de esmolas, como o dos hospitais. Estes pobres — os verdadeiros, porque só estes teriam direito a sê-lo — continuariam, assim, a usar do seu direito de pedir, e a sociedade a cumprir com o seu dever de os sustentar. Estabelece-se, assim, um certo conceito de pobre ideal a que há fartas referências na época:

⁷³ Pérez de Herrera, *Discursos ...*, pág. 21 r.

⁷⁴ *Una Comunicación del Consejo Real al Imperador* em 23-X-1541, cit. por J. L. González Novalín, art. n.º 29, págs. 103-104, em que se expõe toda uma série de medidas tomadas nesse ano para com os pobres «ansí naturales como extranjeros, que verdaderamente eram pobres» separando-os de muitos que «están sanos y andan holgazanes y muchos no se confiesan y caban mucho daño por el mal exemplo que dan ...», soluções que, em linhas gerais, antecipam as de Pérez de Herrera. Para um problema tradicional uma solução tradicional?

⁷⁵ É em relação aos pobres uma preocupação constante e que chegou a ser objecto de lei por parte de Filipe II: «Porque pues se tiene cuidado de mantener los cuerpos de los pobres, es mas justo que se tenga de su anima, y por algunos desordenes que en esto en los que pieden limosna ha habido, encargamos a los curas y mandamos a la justicias que no den cédulas y licencias a los dichos pobres sin que primeiro antes esten confesados y comulgados...» *Nueva Recomendación*, VIII, 39, ley IV.

o pobre confessado, comungado, devoto, decentemente alimentado, paciente, que tem uma função na sociedade: pedir esmola. É um dos aspectos da sociedade ideal: a que recolhe o pobre como outro Cristo, que o alimenta, que lhe dá algo de seu, mas a que o pobre tem direito: a esmola.

Dentro desta linha de mentalidade a solução de Pérez de Herrera apresentava várias garantias de ordem moral, para a sociedade, incluídos neste ponto, também os próprios pobres: menos pobres — o que não significava menos esmolas, mas esmolas mais quantiosas — e todas as consequências desta diminuição (desta libertação?): mais ordem moral, pois menos pecadores; mais tranquilidade na missa, já que os pobres não incomodariam ninguém durante a missa ou ofícios divinos, pois já a teriam ouvido antes de sair do albergue; mais ocasiões para praticar uma caridade ordenada, porque «qualquier honrado y cristiano se holgará de llevar à sua casa a comer algunos destes pobres verdaderos»⁷⁶; menos ocasiões de desonestidade, pois os pobres não andariam já «casi en cueros, que es de gran verguenza verlos entre las mujeres principales y honestas en las iglesias y otras partes que se han avergonzado y quexado muchas»⁷⁷. E também mais ordem social: menos bandos, menos espiões e sedições, trabalho mais barato: «y acuda (o «padre de trabajadores») cada mañana la plaza de tal pueblo, vivendo acomodar y alquilar los jornaleros, asi de la labrança del campo, como de otros ministerios... ayudandoles a ello, y los concierte porque se dice que algunos por andar ociosos piden jornales de mas precio del que merece y se usa...»⁷⁸; haverá, também mais criados, e, sobretudo, criadas «buenas cristianas y virtuosas», «enriquecendo la republica con diferentes labores de sos manos, las quales seran de moderados precios de aqui en delante, pues seram muchas, porque al presente van subiendo a exces-

⁷⁶ Pérez de Herrera, *Discursos ...*, págs. 25-25 v.

⁷⁷ Id. id. págs. 5 v.-6 r.

⁷⁸ Id. id. pág. 75 r.

sivos»⁷⁹; haverá, ainda, mais gente para trabalhar a terra⁸⁰. Por outro lado os velhos que não tivessem amparo recolher-se-ão, e os senhores ficariam livres da preocupação de tratar de criados doentes, coisa que raramente faziam como confirmará A. Cabrera. Os criados saindo mal convalecidos do hospital «venden los vestidos para sustentarse y quedanse mendigando, que como es tan ociosa vida no saben salir de ella y de aqui suceden los mendigantes fingidos hasta ahora»⁸¹.

⁷⁹ Id. id. pág. 71 v.

⁸⁰ Todas estas soluções parecem um pouco paradoxais, já que pretendem empregar na agricultura gente na sua maioria empobrecida — ou fugida — pelo campo. Situações idênticas podem encontrar-se além Pirinéus. P. Deyon — *Etude sur la Societé Urbaine*... — nota também o mesmo paradoxo que existia em Amiens ao querer-se empregar na «indústria» textil gente que era precisamente «chômeur» da manufatura. Não haveria o mesmo paradoxo naquela tentativa de desenvolver os lanifícios de Arévalo nos primeiros anos do reinado de Filipe IV, tentativa que alegrou alguns vizinhos, excepto os mendigos válidos (Conf. A. Domínguez Ortiz, art. cit. págs. 391-392) — se o confrontarmos com o que refere Damián de Olivares numa junta convocada em 1620 sobre a decadência da indústria dos panos em Toledo, Segóvia e Mancha (Colmeiro. ob. citada, II, 66 pág. 66 — pág. 775) e o número de gente que ficava sem trabalho? Mesmo como simples indicativo o confronto pode ser útil.

⁸¹ Id. id. pág. 59 r. Uma perspectiva das «solidariedades» da época: o comportamento dos senhores para com os criados. Além do comportamento referido, a problemática dos salários e a falta de pagamento de serviços é ponto atacado por pregadores e autores ascéticos: Fr. Luís de León, *Cartas (Obras Compl. — BAC, Madrid, 1959* ³, págs. 1361-1363); Cristóbal de Fonseca, *Tratado del Amor de Dios*, (1620), I, 39; E. Nierenberg, *Epistolario*, (Clas. Castellanos, Madrid), Epits. XV; A. Arbiol, *Família Regulada* (1714), III, 26; Cardeal Belluga, *Contra Trajes y Adornos Profanos* (1722), II, 3 parag. 4, cobrem insistentemente toda uma época. A outro nível literário fazem-se eco da situação *El Crotalón (Origenes de la Novela*, II NBAE — Madrid, 1931, págs. 291, 296) e A. de Torquemada nos seus *Coloquios Satíricos*, I. (*Origenes de la Novela*, II NBAE, págs. 587-591). F. de Luque Faxardo, *Fiel Desenvaño contra la Ociosidad y los juegos* (1603) Madrid, R. A. E., 1955, I, págs. 217-218 e D. António Liñan y Verdugo, *Guía y Avisos de Forasteros que vienen a la Corte* (1620) Madrid 1923, pág. 42. Conf. também A. San Miguel, ob. cit. págs. 145-152 para a obra de Mateo Alemán.

Com esta última explicação, todo um ciclo — social e psicológico — que se fecha.

Como final, eliminadas as causas, haveria menos possibilidades de doenças contagiosas e pestes.

Esta ordem social, moral e económica, parece revelar toda uma defesa da sociedade. Por Pérez de Herrera é toda uma sociedade que parece sentir-se ameaçada — em 1597 tinha-se visto Madrid obrigado a expulsar os seus mendigos⁸² — que se defende estruturalmente expulsando os que ela considera «falsos pobres» e moralmente admitindo os que ela considera «verdadeiros pobres». A estes a sociedade defende-os, exige-os ao pé de si. Aos outros expulsa-os. Para onde ir? — Pérez de Herrera é neste ponto mais ambíguo e as suas soluções revelam menos urgência. Algumas ficaram apontadas: fazer trabalhar — mais barato — os jornaleiros... dar trabalho, mais barato, às criadas e criados, a moços de recados... Soluções muito parciais. Continuará a haver, ladrões «y principalmente por los caminos»⁸³. E nem todos seriam vagabundos⁸⁴. Pérez de Herrera argumenta que o importante é atender ao presente — separar os bons dos maus, dissolver momentaneamente a ameaça de concentrações e juntas — o que não impede que proponha que aos «reformados», entenda-se, aos que sendo examinados não eram nem velhos, nem doentes, nem crianças, «se les señale... en cada provincia destes reynos una o dos ciudades adonde acudan a que les ocupen, por los caminos que mas a propósito pareceren...». As cidades escolhidas poderiam ser Córdova y Sevilha para Andalucia, Salamanca, Valladolid, Burgos, para Castela a Velha, e outros sítios dos reinos: Toledo, Granada, Murcia, Cuenca, Badajoz⁸⁵. Caminhos de trabalho que poderiam, explorados, revelar toda uma «geografia» da pobreza

⁸² Pérez de Herrera, *Discursos ...*, pág. 80 r.

⁸³ Id. id. pág. 97 v.

⁸⁴ R. Mandrou, ob. cit., pág. 504 refere que os caldeireiros franceses em Espanha — a má reputação de algumas profissões e a mobilidade do artífices — pilham quem passa e, como consequência, veem-se proibidos de andar nas ruas. Isto em 1527, data em que uma certa francofobia poderia também justificar muita coisa... mutuamente.

⁸⁵ Pérez de Herrera, *Discursos ...*, págs. 97 v.-98 r.

de diversas origens e causas. Para os que sobrassem haveria a marinha e o exército, ambos necessitados de gente, de gente habilitada que excusasse a que de Milão, Flandres, França e Alemanha era chamada para tratar das coisas de guerra e de fogo, evitando, assim, «que los extranjeros saquen el dinero de España con que nos hacen la guerra...»⁸⁶. Todo o *Discurso IX*, o último, trata «Del exercicio y amparo de la milicia». Aí parecem estabelecer-se as linhas gerais dum verdadeiro rearmamento de Espanha⁸⁷: o Alcácer de Segóvia, Toledo, os Castelos de la Mota em Medina del Campo, de Burgos, de Murcia, de Granada, de Sevilha estão urgentemente necessitados de «mucha copia de armas». A quem armar? A «los vasallos destes reynos, particularmente labradores del campo que son tantos y tan robustos y estan tan desarmados como se sabe...»⁸⁸. Mas os pobres (em Espanha como em França..., como talvez por toda a parte na época)⁸⁹ não vinham principalmente do campo em busca, como reconhecia o próprio Pérez de Herrera, de terras mais ricas? Não se chamavam «Montañeses, Asturianos, Gallegos, Navarros, labadores de Castilla la Vieja y otras partes...»? E se repararmos, não coincidem quase literalmente os propostos sítios de trabalho com os castelos faltos de gente?... O serviço das armas deveria ser, assim, o grande escoadoiro de gente, de gente que não se confessava, que não comungava... que jurava e jogava, que tinha sido «maus pobres» por muitas causas e que tinham empobrecido por muitas outras e não só por maus anos agrícolas, pelas reduções de serviços e despesas de senhores⁹⁰, pela preguiça que significava muitas vezes falta

⁸⁶ Id. id. pág. 163 r.

⁸⁷ Id. id. págs. 164 v.-165 r.

⁸⁸ Id. id. pág. 164 r.

⁸⁹ J. P. Gutton, ob. cit., págs. 162-169 estudou este aspecto do pauperismo e pô-lo acertadamente em relação com os problemas (económicos, morais, sociais...) de que a guerra era causa e consequência.

⁹⁰ Um exemplo tardio, mas que certamente poderia encontrar-se por estes anos: «Las Duquesas del Infantado y Nájera, viudas, han despedido casi todos los criados y criadas acomodandose con el tiempo, que es la mayor cordura». Barrionuevo, *Avisos* (B. A. E. Madrid, 1969), I, 201 (Dezembro? 1657).

de trabalho ⁹¹. A má fama moral dos soldados dos séculos XVI e XVII parece ser mais que um tópico literário e ter mais do que uma justificação.

Esta necessidade de soldados — uma dupla necessidade: ocupar gente e preparar armas — parece coincidir nesse discurso de Pérez de Herrera com a constatação de que Espanha tem muitos inimigos estrangeiros declarados e muitos domésticos. Uns e outros vão crescendo cada dia ⁹². Que plano mais completo poderia a sociedade desejar para a sua defesa — espiritual e social — nos últimos tempos de Filipe II? Admirar-nos-emos que muitos «teólogos de los mejores destos reynos» e muitas cidades aprovassem tais planos e suplicassem que fossem executados rapidamente? ⁹³. Nós não nos admiramos, mas talvez teólogos e regedores se admirassem, se o soubessem, da coincidência de Pérez de Herrera com J. Bodin.

Pobres verdadeiros... pobres falsos. Todos, ao fim e ao cabo, mais ou menos pobres, ou empobrecidos, o que por estes anos é um ponto muito próximo da pobreza autêntica. Estes últimos, os mais numerosos ao parecer, constituíam o grande problema. O mais difícil de resolver para a sociedade sua contemporânea. Para a sociedade? Para os menos pobres, para os ricos, para os muitos ricos. A estes últimos se dirige preferentemente — a quem se dirigiria senão a ele um pregador na Capela Real? — Alonso Cabrera nos seus sermões. Aos bons para que continuem a dar esmola. Aos maus ricos — a oposição é muito mais antiga, remontando ao próprio Evangelho — para que dêem a esmola. A esmola, é naturalmente olhada numa perspectiva teológica. Um valor

⁹¹ Segundo M. Colmeiro, ob. cit. II pág. 775, Damián de Olivares, em 1620 anotou que em virtude da decadência textil ficava sem trabalho grande número de gente.

⁹² Pérez de Herrera, *Discursos...*, pág. 164.

⁹³ Id. id. pág. 75 v. Sabido é que os vagabundos constituíam sempre um possível contingente de homens a armar. Em 19-VII-1634, o P. Andrés Mendo, escrevia de Salamanca: «También le (ao corregedor) ha venido orden de que todos los holgazanes los junte para que vayan a la guerra; y sino hubiesse bastantes, vaya quintando la gente en todo su distrito; así lo va haciendo; y de holgazanes halla pocos, porque todos huyen...». M. H. E. (*Cartas de Algs. Padres de la Compañía de Jesus*) XIII, págs. 59-60.

bifronte: contribuição para a Salvação do rico e para a do pobre. Toda uma espiritualidade da esmola, com raízes velhas, se desenvolve nestes anos, louvando o seu valor e a sua necessidade eterna — maior nestes anos de tantos necessitados. Uma espiritualidade para incitar a todos os que podem dar de qualquer forma, mas especialmente aos ricos. Seriam, sobretudo, estes os que poderiam ler ou ouvir ler as obras que plasmavam tal espiritualidade. Desde *La Limosna* (1553) de Bartolomé de Albornoz, das *Alabanzas de La pobreza* (1556) de Bernardino de Riberol e das páginas que na *Regla de la vida christiana* (in *Recompilacion de las obras*, Alcalá 1570) Fr. Alonso de Orozco escreveu para uso da irmã, que vivia no mundo, até *Consuelo de pobres, remedio de ricos* (1664) de Matias Aguirre, toda uma espiritualidade baseada no valor da esmola como serviço a Cristo na pessoa do pobre⁹⁴.

Alonso Cabrera situa-se, quanto ao que aos pobres e à pobreza se refere, nesta linha. Contudo, os seus sermões permitem recolher realidades do momento que, como sugerimos, podem confirmar e completar as perspectivas de Pérez de Herrera.

Alonso Cabrera coincide com o proto-médico de Filipe II ao admitir as «vilezas» cometidas pelos pobres: «La pobreza, aunque no es vileza, suele ser causa de hacerla: que hurte el pobre para matar su hambre; que perjure para defender su hurto; y con eso poca razón y mucha ignorancia de la ley de Dios...»⁹⁵. Gente pobre e gente plebeia (A. Cabrera referia-se às duas, assimilação importante) que parece não ter direitos. E, no entanto, todo um «direito dos pobres», precisamente nas circunstâncias indicadas — «que hurte para matar su hambre» — parecia elaborado, pelo menos, desde os canonistas e teólogos do século XII, com S. Bernardo à cabeça.

⁹⁴ Uma bela análise de algumas linhas da espiritualidade baseadas no serviço do pobre e na esmola pode ver-se para o Século XVII francês nos trabalhos de J. E. d'Angers, *Richesse et Pauvreté dans l'oeuvre d'Yves de Paris*, e de P. Milcent, *Spiritualité de la Charité envers les Pauvres selon Saint Jean Eudes*, e de J. L. Goré, *Fénelon ou du Pur Amour à la Politique de la Charité*, in *XVII Siècle*, n.º 90-91 (1971).

⁹⁵ A. Cabrera, *Sermones* ..., pág. 158.

Mesmo interpretando suavemente as palavras do pregador sempre lhes fica um certo alo de reacção contra tal direito. Mesmo que fossem direitos... não deixariam de ser vilezas.

No número destas conta-se, naturalmente, a prostituição. Todo um sermão é dirigido às «pecadoras públicas», «oficiais y obreras del demónio». Um sermão violento que nos descobre «los pobres que en otra parte no hallaron ocasión ... la hallaron» nestes «satanaces encarnados»⁹⁶. Prostituição que, confirma A. Cabrera, estava longe de ser sempre um pecado público: mulheres velhas honradas «con sus tocas reverendas como mula canónica» põem «tienda de sus hijas» argumentando que «es mujer y pobre»⁹⁷. A pobreza obscura, envergonhada, que também referiu Pérez de Herrera, que devia ser chaga do tempo na Europa. J. P. Gutton começa por ela a sua análise das «categorias dos pobres»⁹⁸. D. Andrés de Prada, uma das testemunhas do protomédio das galeras de Filipe II assinala que em «Madrid... un capellan de su Magestad que se llama Valverde, muy docto y virtuoso muere de hambre, y una señora muy honrada, christiana vieja, sabia y criada de la Casa Real, lo mesmo...»⁹⁹. Dois exemplos. Junto destes, confirmando ainda a Pérez de Herrera, encontramos os criados velhos e doentes engrossando o número de pobres. Como Herrera o pregador mostra-nos a perspectiva do rico do tempo: «y ora hay cristianos que despues de haber servido muchos años de un criado, depues de hacerle gastado la salud y la vida con malos dias y peores noches, y plega a Dios no haya por su causa infernado el alma, o le despidem sino le han menester, o si cae malo dan con él en el hospital a que ocupe un lugar de pobre...»¹⁰⁰.

⁹⁶ Id. id. pág. 378.

⁹⁷ Id. id. pág. 108.

⁹⁸ J. P. Gutton, ob. cit., págs. 23-28.

⁹⁹ D. Andrés de Prada, *Memoriales* ..., apud. J. Gonzalez Novalin, ob. 2 cit. pág. 136.

¹⁰⁰ A. Cabrera *Sermones* ..., pág. 48. J. P. Gutton ob. cit., págs. 78-82, ao analisar a situação dos criados em relação ao conceito de pobreza, confirma estas acusações de C. de Herrera e A. de Cabrera para a França de 1534 a 1789.

Pobres envergonhados... pobres velhos abandonados... a zona de fronteira entre a realidade social do momento e a perspectiva porque os ricos olhavam essa realidade? Possivelmente. Uma realidade constituída por «gentes con quien no (se sufre) negligencia ni tardanza; porque sus necesidades piden no solo remedio, sino prisa»¹⁰¹.

Pérez de Herrera e A. Cabrera estão de acordo: os remédios são urgentes. A. Cabrera não descerá a soluções concretas para os pobres, mas sempre pregará soluções para levar os ricos à esmola. E serão sempre, generosamente, soluções fáceis: «Que más ligero que dar un pedazo de pan y un jarro de agua, un sayo desechado...». Soluções para ricos, soluções fáceis, mas nem por isso mais praticadas: «... Veo la misericordia de estos tiempos y la pusilanimidad que tienen los hombres en hacer limosnas, pensando que les hade faltar, y que lo que dan al pobre lo quitan a sus hijos...»¹⁰², palavras que tanto mostram a resistência dos ricos à esmola como alguns dos argumentos justificativos. Se o pregador, como Y. de Paris na França de Luís XIV, contra-argumenta que os primeiros interessados nos frutos da esmola são eles, os ricos, porque colaboram eficazmente na salvação da sua alma, os ricos opõem novos argumentos. A série é como se segue: «... el rico, el poderoso descaradamente rompe las leys; no hay yugo para ellos. Si les dice que ayunen: a los frayles con eso; si que paguen lo que deben: a los mercaderes con eso; si que confiesen y comulgen, a los monjas con eso; si que perdonen las injurias: a la gente baja con eso; si que hagan limosnas: al obispo con eso. Ellos chupan la sangre de los pobres, engordan con los propios de la República...»¹⁰³. Alonso Cabrera continua um pouco mais ainda a invectiva, cujas raízes vêm de longe, mas que por isso não deixam de corresponder a algo que o pregador estimava ser necessário referir com uma violência própria dos primeiros Padres nestes anos de «reforma» de Cristandade. A quem competia, segundo os ricos, a esmola? Aos bispos,

¹⁰¹ Id. id. pág. 129.

¹⁰² Id. id. pág. 283.

¹⁰³ Id. id. pág. 158.

isto é, aos geralmente equiparados a ricos, quando não poucas vezes a muito ricos, ainda que A. Cabrera se situe num plano espiritual e só queira assinalar o dever rigoroso que os bispos têm de ser «pais de pobres», distribuidores dos bens de Cristo. Mas a ser esta a sua intenção mais profunda que o ligaria a toda uma tradição crítica humanista (a Erasmo... ao *Diálogo de Mercurio y Carón*, tanto como a posições de Reforma católica) o seu ataque anterior pode revelar uma dupla intencionalidade: nem os ricos para alcançarem misericórdia, nem os bispos por dever de misericórdia estão dispostos a socorrer o pobre com a sua esmola: «... Si decis al un caballero que dé limosna, dirá que la dé el obispo que come bienes de pobres, que harto tiene que sustentar su casa, pundonor y estado. El obispo dirá que paga de pensión, subsidio y escusado más porción de la que está obligado a dar de limosna...»¹⁰⁴.

Teremos presente algo da mentalidade, das reacções dos ricos típicos do tempo, o rico dos fins do século XVI que dista enormemente daquele rico que constrói «conventos, hospitales, (que) dioles rentas, cálices, ornamentos; casaba doncellas, sustentaba pobres sin número», que se vê louvado nas dedicatórias dos tratados sobre a esmola, e cujo exemplo proverbial passava, então, por ser Cosme de Médici¹⁰⁵, definido por Quevedo admiravelmente na «*Virtude Militante*?»¹⁰⁶. Desde a perspectiva de A. Cabrera — talvez de Pérez de Herrera — é bem possível. Para ele os ricos vituperados são os maus ricos, aquele rico avarento cujo retrato literário acumulado ao longo dos séculos, veio a configurar um «que tenia en su banquete esplendido, muchos convidados, músicos, truhanes, chocarreros, vestidos costosos, púrpuras, sedas holandas, caza, perros, sabuesos, halcones, girifaltes, sacres, caballos, mulas, faisanes...»¹⁰⁷ à porta de quem «el pobre Lázaro moria de hambre...». E o retrato mesmo literário, tem algo de outros anos e muito que se

¹⁰⁴ Id. id. pág. 108.

¹⁰⁵ Id. id. pág. 282.

¹⁰⁶ F. Quevedo, *Virtud Militante*, in *Obras* ed. cit., pág. 1295.

¹⁰⁷ A. Cabrera, *Sermones*, pág. 415.

aplica apenas a poucos deste tempo. Mais do seu tempo parecem ser os ricos «que gastam millaradas de ducados en pleitos..., en juicios, galas, comidas, truhanes, caballos, joyas, mujercillas...»¹⁰⁸. A alguns reunidos na Capela Real para escutar Alonso Cabrera se poderiam contar entre tal categoria... Um sermão sempre visa alguém ou algo concreto, e a estes pontos volta constantemente o pregador. Por estes dias estas referências deveriam ser mais — e soar mais — do que simples pontos obrigatórios de sermão para senhores e cortesãos. Como reagiriam estes ao perguntar o pregador; «Que las paredes esten vestidas de brocados y sedas y los miembros de Cristo se hielan de frio?... Quando los hombres callen y emudezcan las piedras de vuestras paredes darán gritos acusando vuestra inhumanidad y pidiendo justicia al Cielo de vuestra dureza con los pobres. Como se oirá con paciencia cuán mal se dispensan los bienes eclesiásticos en que se gasta el patrimonio de Cristo en banquetes, juegos, en dar al Diablo?»¹⁰⁹. Num tempo em que tantos e de tantas maneiras — muitas vezes com uma caridade que nos parecerá hoje não muito bem orientada — se empenhavam efectivamente no socorro material e espiritual dos pobres, a violência de Cabrera — «hay culpas que no se pueden reprender sino con impaciencia y mesando a quien las hace»¹¹⁰ — chega-nos ainda como um sinal das necessidades dos pobres e da urgência das soluções. Um dos seus modos de confirmar Pérez de Herrera. E nesta ordem de ideias com quem contar senão com os ricos, com os que tinham dinheiros e vassallos? Alonso Cabrera sabe a quem se dirige. Aos senhores deste mundo «para quien no hay mayores enemigos que los pobres, porque de sus sudores se aprovechan, sus jornales les niegan, sus bienes les toman, sus causas calumnian, sus derechos oscurecen, las justicias tuercen...»¹¹¹. Dentro da perspectiva do pregador estes ricos são os inimigos dos pobres, e ao declará-lo Fr. Alonso Cabrera revela os processos que estes ricos uti-

¹⁰⁸ Id. id. pág. 416.

¹⁰⁹ Id. id. pág. 17.

¹¹⁰ Id. id. pág. 18.

¹¹¹ Id. id. pág. 180.

lizam para alcançar, manter ou aumentar as suas riquezas. Na perspectiva do pregador tudo são caminhos para a condenação eterna. A reprovação está prometida aos senhores deste mundo, entenda-se, aos que vivem apenas para aumentar os seus bens. A única solução para ser rico neste mundo e rico no outro — o grande argumento psicológico e escatológico — é fazer participar os pobres desses bens acumulados. Os pobres existem, e (talvez, porque terão de) devem continuar a existir para facilitar o Paraíso aos ricos: «... sino fuesen los pobres, qué seria de los ricos!; ... dandoles vos que sois ricos para ropa, os darán ellos en el cielo...» — e neste sentido devem ser olhados como uma graça divina feita aos ricos: «y así entenderéis cuán grande merced os hace Dios en enviaros pobres, pues las obras de caridad que les haceis las toma Dios tan a su cuenta que os da por ellos su reino»...¹¹². Argumentação discutível para nós hoje. Talvez o não fosse para o tempo de Cabrera, correspondendo a toda uma tradição e a toda uma mentalidade que continuará ainda por muito tempo. Fr. Alonso Cabrera, por sua parte, insiste diante dos seus ouvintes — «... ahora que todos se desvelan en sacar arbitrios para sacar dineros...» — nesse «arbitrio de arbitrios» que é a esmola. «Sembrais um caliz de trigo sea una hanega para los pobres. Cargais a Índia tantas botigas de vino, de aceite, fardos de lienzo, etc., vaya en eso algo por cuenta de los pobres, que fielmente se les dé. Teneis diez mil ducados de renta, dad mil. Teneis mil, dad ciento...»¹¹³. Propostas concretas. Insistentemente concretas. Tanta insistência — diremos de novo? — parece revelar, mais do que as linhas duma espiritualidade baseada no serviço e atenção do pobre, a necessidade de despertar, de cativar a generosidade dos que podiam dar. Todos dariam? Muitos dariam. Cartas, avisos, fundações piedosas, crónicas da época revelam dádivas — já o dissemos, às vezes grandes dádivas —, esforços de gente rica e poderosa para socorrer

¹¹² Id. id. pág. 91.

¹¹³ Id. id. pág. 282.

os pobres¹¹⁴. Mas, numa época em que a assistência social era rudimentar e complexa, quando existia (confrarias distribuindo socorros aos companheiros sem trabalho em dias de festa ou solenidade), ou consistia na esmola, a insistência de Fr. Alonso Cabrera confirma-nos que o esforço feito está longe de corresponder proporcionalmente às necessidades dos pobres em aumento. Parece revelar ainda que ao lado da esmola mais ou menos generalizada existem várias maneiras de recuperar o dado... Problema de todos os tempos? Também deste tempo, portanto.

Efectivamente Fr. Alonso Cabrera insiste na esmola junto dos que a podem dar, que a devem dar, sem se fixar naturalmente, dadas as circunstâncias, na polémica de saber a quem dar, problema que envolvia a distinção através de exames, licenças, etc., dos «pobres verdadeiros» e dos «fingidos». A sua crítica já o dissemos, visa sobretudo, os maus ricos que não dão ou que dão pouco. Ou será que Fr. Alonso Cabrera ainda não pode testemunhar da validade dos esforços feitos pela sociedade a quem se dirige? O confronto com o abandono em que caíram as propostas de Pérez de Herrera pode sugeri-lo; o estado da economia de muitos hospitais nos fins do reinado de Filipe II parece confirmá-lo. O grande esforço — deixemos os mini-esforços particulares e concretos

¹¹⁴ O elogio feito pelos livreiros editores da citada obra de Matias Aguirre a D. Maria Ana de Benavides, «consuelo de Pobres, refugio de desvalidos, y asilo de necesitados» prova esta «verdade (com) las innumerables limosnas que V. E. subministra à quantos llaman à las puertas siempre patentes de su misericordia; pero la califican mas las que V. E. contribuye anticipandose compasiva a los ajenos clamores con la provida prevención à sua necesidades. Diganlo tantas religiosas casas, o hermoas de sumptuosas retablos, o adornadas de ricas lamparas y alajas, o socorridas en sus mayores urgencias a las benignas expensas de V. E. que no se atreve a individualizar la pluma, por no rompa el sigilo, com que solicita V. E. realizar tan caritativas obras». Anotemos o género de dádivas e que para esses livreiros parecem ser mais importantes os «sumptuosos retablos», «ricas lâmparas», que as «innumerables limosnas» dadas aos pobres. Perspectiva de elogio ou perspectiva de mentalidade? — que parece, não ter escapado à crítica de Erasmo (*Coloquios*, VI), quem se preocupou também nesse mesmo colóquio com as «Regras» da esmola.

e as mini-reformas dos estabelecimentos hospitalares (iniciadas já em tempos de Carlos V) como a de San Martin de Madrid, sempre um pouco ao sabor das urgências — o grande esforço, dizíamos, parece chegar um pouco mais tarde quando sob o impulso europeu de S. Vicente de Paula as damas rivalizem com os religiosos na assistência aos pobres. Por agora Fr. Alonso Cabrera crê não ser nenhuma injustiça afirmar que «los señores y señoras de ahora... tienen por bajeza dar por su mano la limosna al pobre, que representa la persona de Jesus... Pues ya por su mano curar al pobre? guisarle la comida? Trabajar de su mano para hacer limosna? Quien hace eso?...»¹¹⁵.

Confrontemos. Por toda a parte sinais de interesse pela sorte dos pobres, traço comum da reforma católica. Em Espanha também. Mas as palavras de Fr. Alonso Cabrera mais que um incitamento a prosseguir nesse sentido, revelam sobretudo atitudes que parecem dificultar que esses sinais se transformassem num amplo movimento a favor dos pobres que parecia necessário. Nada nos admira que Fr. Alonso Cabrera, ainda que incitando os senhores e damas ao socorro dos necessitados se decida a aconselhar aos pobres paciência e esperança: «... No pierda el ánimo el pobre que cuanto más lo fuere, mas cuenta tiene Dios con su salud y de mejor gana le visita...»¹¹⁶. Conselho, seguramente, para «pobres verdadeiros», para os pobres ideais que a sociedade exigia no seu seio para sua tranquilidade.

Que concluir? Confirmando as nossas perspectivas europeias iniciais, os dois autores — o pregador real de Filipe II e o médico do mesmo rei — parecem estar de acordo sobre a situação precária dos pobres verdadeiros e os fingidos. Situação precária, palpável através da análise de sua situação feita com olhos de médico em anos de pestes — maus alimentos... doenças... frio... chagas — análise que o pregador completa com a enumeração das injustiças de que são vítimas. Um e outro reconhecem as mil e uma maneiras que os pobres descobrem, por toda a parte..., para explorar a

¹¹⁵ A. Cabrera, *Sermones ...*, pág. 444.

¹¹⁶ Id. id. pág. 49.

generosidade de quem dá ou devia dar. A maior parte dessas mil e uma maneiras de pedir — Guzmán de Alfarache teria sempre mais uma a acrescentar — parecem corresponder a maneiras de subsistir.

Homens da sua época para quem os pobres — assim, sem distinções — parecem ser, sobretudo, pecadores. Contudo, ambos sentem a necessidade de distinguir os pobres verdadeiros, os ideais, dos pobres fingidos. Pobres fingidos? Os casos de «pobres ricos» parecem ser, mesmo no texto de Herrera, casos excepcionais. Os casos de exploração da pobreza como meio de vida — casos que para Pérez de Herrera parecem ser a generalidade — revelam situações bem menos fáceis de definir, pontos de chegada motivados por muitas causas que Pérez de Herrera algumas vezes percebeu e apontou. Contudo, perante a distinção urgente — e perante essa necessidade que a sociedade parece sentir de os distinguir — poder-se-ia falar nas dificuldades de ser pobre durante o «tempo barroco». A caridade, principalmente a prática da caridade directa que a esmola ao pobre consagra — toda uma espiritualidade —, parece, segundo os dois testemunhos estar a diminuir. A gente rica já não daria ou daria pouco. Toledo de Lazarillo de Tormes já não seria a mesma Toledo dos tempos de Guzmán de Alfarache. «Como al fin el pedir me valia tan poco, confessava este, y lo compraba tan caro, tanto me acobardé que propuse no pedirlo por extremo en que me viese...». E, no entanto, com apoio em sinais palpáveis — fundações, «esmolas grandes», dinheiros para pobres que se lêem em crónicas e testamentos — dir-se-ia o contrário. Fr. Alonso Cabrera, desde a sua perspectiva, não parece confirmá-lo. E talvez não fosse propriamente a caridade que diminuísse. Os pobres, por muitas razões — algumas expostas — é que aumentaram. Por toda a Europa. E por isso também haveria que fazer contas. A «desvalorização» da esmola pode ser um facto dentro duma economia de pobre que não recebesse, por regra, esmolas em géneros. Anos depois, segundo os cálculos de F. Navarrete, por causa do «vellón» parecem ter aumentado os «pobres falsos». E, efectivamente, Pérez de Herrera não faz mais que propor um meio de reduzir os pobres a números que permitam,

porque menos numerosas, melhores esmolas¹¹⁷. Cálculos fáceis que parecem ainda revelar o desejo e a intenção da sociedade em dar esmola por tranquilidade espiritual e por auto-defesa. Pérez de Herrera cujo pendore de arbitrista foi apontado por Jovellanos^{117*} parece colocar-se nessa linha de mentalidade que logra um plano equilibrado para manter nas cidades — ao alcance das bolsas e das mesas — os pobres verdadeiros, e afasta desses centros urbanos os pobres considerados fingidos, que os dispersa e os fixa em lugares de trabalho (possível) ou em empregos que resultam ainda em defesa da sociedade: as armas. Medo aos pobres, e aos inimigos de Espanha. Porque não empregar os pobres contra esses inimigos?

Os *Discursos de la defensa de los legitimos pobres* propõem, assim, uma diáspora de pobres e vagabundos. O seu centro? A atenção de Pérez de Herrera parece concentrar-se em Madrid. Concentração de pobres principalmente em Madrid? Os números faltam — embora não falem as queixas e os alarmes — que permitam avaliar desde quando começou a grande afluência de pobres à corte. Mas Pérez de Herrera parece pensar sobretudo na corte de Filipe II, pois, paradoxalmente propõe outras cidades tradicionalmente queixosas do grande número de pobres dentro dos seus muros — Sevilha, Toledo, Valladolid — como lugares de trabalho e fixação de pobres. Talvez essas cidades indiquem apenas vastas zonas de fixação, já que o facto de muitas cidades insistirem na aplicação dos planos de Herrera parece sugerir o desejo de afastar os pobres dos seus centros. Neste sentido os *Discursos* revelam por si mesmos e deixam perceber a mentalidade urbana que norteava a procura de soluções ao problema do número de pobres: a defesa da cidade, e, sobretudo, da cidade-corte. Fr. Alonso Cabrera, na medida que insiste junto dos ricos a nível de capela real que o escutavam (os pobres não estariam presentes) situa-se na mesma perspectiva. Outras exigências da vida dos homens destes anos, algumas visando

¹¹⁷ Pérez de Herrera, *Discursos...*, pág. 30.

^{117*} G. M. de Jovellanos, *Elogio de Carlos III*, (8-XI-1788), in *Obras em Prosa*, Madrid, Conisla, 1969, pág. 181.

a própria nobreza com medidas idênticas, revelam também a oposição *cidade-campo*, que pelo facto de ser fácil não é menos verdadeira para estes anos barrocos. Verdadeira e perigosa. Como se recordou, os pobres por toda a parte dessa Europa pelas suas origens e ligações mais ou menos arreigadas representam uma relação perigosa entre a cidade e o campo mais ou menos próximo, sobretudo, em tempos de guerra e tumultos¹¹⁸. E aqui há que pensar nas notícias de «avisos» de revoltas de pobres... da sua participação nessas vagas «juntas», nos seus pecados, avolumados pelas distâncias e pelo tempo, pela autoridade de quem os referia ou divulgava. O mesmo receio se verificava em relação aos pobres estrangeiros. No fundo o medo à gente nacional ou estranha que entra nas cidades e cujos costumes não se conhecem ou parecem duvidosos. A ideia de que os pobres poderiam dissimular herejes ou espias parece ter-se fortalecido por estes anos, se bem que o seu apogeu parece situar-se entre 1640 e 1670. Guerra em França, guerra com Portugal.

Todos estes traços que revelam imediatamente da leitura da obra de Pérez de Herrera e dos apelos e críticas dos sermões de Fr. Alonso Cabrera parecem confirmar a integração de Espanha (da Península Ibérica de Filipe II — Filipe IV?) dos fins do século XVI, dos começos do Barroco nas linhas de mentalidade europeia sobre o pauperismo, linhas de mentalidade determinadas por factores diversos (revoltas e medo: hussitas... camponeses da Reforma..., os Jacques duma Idade Média que ainda dura... a Reforma católica...).

Mas o confronto dos *Discursos* e dos *Sermões* parece revelar principalmente as hesitações duma sociedade à procura de soluções. Uma procura condicionada, sem dúvida. Condicionada por toda uma tradição e espiritualidade defensoras dos direitos dos pobres: direitos à esmola, à liberdade de pedir onde e quando quisesse sem ser «examinado», ao roubo em casos de necessidade extrema; condicionada pela polémica que sobre estes pontos tivera a Vives e Soto como protagonistas principais; condicionada pelo aumento de número de pobres que afligia na rua, nas igrejas, pelos caminhos (os pobres

¹¹⁸ Porhnev, ob. cit., págs. 139-379.

e os bandidos, porque não «identificá-los», se igualmente inoportunos?...) essa sociedade; condicionada pelo medo às «confrarias», às «juntas», aos «bandos» de pobres, às suas deslocações «misteriosas»; condicionada também, e talvez principalmente, pelo horror moral — toda uma sensibilidade — aos pecados dos pobres, gente que, parece, não tem direito ou categoria social para pecar; condicionada pelo medo ao contágio de doenças e pestes que a vida pobre facilitava.

Condicionamentos que parecem revelar tanto os pontos de partida da busca de soluções, como a mentalidade que por sua vez as condicionará. Uma época nova para a sociedade, e também para os pobres? As soluções parecem ter sido de compromisso e não terem sido postas em prática. No tempo de Carlos II os pobres tinham aumentado de muito...

Anos finais de Filipe II. Anos de crise para os pobres e para os ricos. Crise de sensibilidade social. Espiritual, portanto também.

1969-1971.

José Adriano de Carvalho

